

**DIVINA LITURGIA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO  
NO RITO BIZANTINO UCRANIANO  
UMA INTRODUÇÃO NA FORMA DE APOSTILAS  
Prudentópolis – 2000**

*Pe. José Davi Colecha, OSBM*

As apostilas desta matéria, elaboradas pelo Pe. José Davi Colecha, OSBM, pretendem oferecer aos interessados e fiéis em geral uma breve introdução à Divina Liturgia de São João Crisóstomo e é composta por quatro capítulos: 1 – Explicações preliminares, 2 – “Protese” – “Proskomydia”, 3 – Liturgia dos catecúmenos ou Liturgia da Palavra, 4 – Liturgia dos fiéis ou Liturgia eucarística.

No final do texto encontra-se um glossário para compreender melhor os termos e conceitos geralmente provenientes do grego.

Este texto passou por uma rápida revisão geral, estruturação e formatação, mas, certamente, por ser elaborado originalmente como apostilas e para uso privado, sem intenção de uma publicação, necessita de ulteriores aprimoramentos. Muitas referências teológicas enriquecem o conteúdo, mas necessitam das citações mais completas e precisas das suas fontes. Também é necessário completar as citações dos textos bíblicos, padronizando-os de preferência com a Bíblia de Jerusalém. A tradução dos textos litúrgicos precisa estar em conformidade com a tradução oficial, a ser aprovada pelo Sínodo dos Bispos, o que a Metrópolia espera obter em breve. Sendo assim, os teólogos, liturgistas, catequistas e demais agentes de pastoral são convidados para estudarem o texto e, se porventura, encontrarem erros ou dificuldades ou se tiverem sugestões para melhorá-lo, pede-se que comuniquem a direção do portal metropolitano

[www.metropolia.org.br](http://www.metropolia.org.br)

A presente introdução, portanto, está sendo publicada neste portal como um trabalho a ser completado e melhorado em regime de “mutirão”, agradecendo ao Pe. José Davi Colecha, OSBM, que teve a nobre iniciativa de pesquisar e nos introduzir na riquíssima Divina Liturgia de São João Crisóstomo, a fim de que possamos conhecê-la, aprofundá-la, celebrá-la da melhor possível e vivê-la no dia-a-dia de nossa vida de cristãos-católicos-orientais-bizantino-ucranianos.

## **1. EXPLICAÇÕES PRELIMINARES**

Contextualizando a Divina Liturgia, o presente capítulo trata dos seguintes elementos: 1. Rito bizantino, 2. Liturgia no rito bizantino, 3. Divina Liturgia de São João Crisóstomo, 4. Simbolismo, 5. Celebrante.

### **1.1 Rito bizantino**

O rito bizantino tira o seu nome de Bizâncio, cidadezinha situada sobre o Bósforo, aos confins da Europa e da Ásia, na antiga Ásia Menor, a atual Turquia. Constantino Magno transformou-a em cidade grande e lhe deu seu nome: Constantinopla, cidade de Constantino. Inaugurada em 330, passou a ser a capital do Império Romano Oriental. Um de seus grandes e santos bispos foi São João Crisóstomo (398-404), morto no exílio em 407.

A Liturgia de Antioquia chegou até ela com as particularidades introduzidas por Cesaréia de Capadócia, sede episcopal de São Basílio Magno (†379).

Em razão da centralização civil e religiosa levada a efeito por Constantinopla e das prerrogativas que lhe outorgavam os Concílios Ecumênicos de Constantinopla (381) e Calcedônia (ano 451, cânon 28) dando-lhe o nome de Nova Roma e o primeiro lugar após esta última, a cidade imperial tomou a preeminência no Oriente: as inovações, para serem legítimas, deviam ser aprovadas por ela. O rito da capital difundiu-se rapidamente pelas províncias mais longínquas do Oriente cristão, pela Europa e pela Ásia. No século XIII, os patriarcados melquitas de Alexandria, de Jerusalém, de Antioquia, abandonaram seu antigo rito para adotar o de Bizâncio.

Em nossos dias, seguem este rito mais de 200 milhões de fiéis, entre católicos e ortodoxos, espalhados pelo mundo inteiro, até nas Américas. “Pode-se afirmar que, hoje, do ponto de vista da extensão geográfica e do número de fiéis, o rito bizantino equivale ao rito oriental, quase como o rito romano a rito ocidental” (Salaville).

“Conhecer, venerar, conservar e fomentar o riquíssimo patrimônio litúrgico e espiritual dos orientais é de máxima importância para guardar fielmente a plenitude da tradição cristã e realizar a reconciliação dos cristãos orientais e ocidentais” (Decreto sobre o ecumenismo, nº 15). “Longe de obstar à unidade da Igreja, certa diversidade de costumes e usos, como acima se lembrou, antes aumenta-lhe o decoro e contribui não pouco para cumprir sua missão” (Decreto sobre o ecumenismo, nº 16).

## **1.2 Liturgia no rito bizantino**

No rito bizantino existem três liturgias: 1ª – Liturgia dos pré-santificados: é antes um ofício de Comunhão solene. É celebrada nas quartas e sextas-feiras da Quaresma; 2ª – Liturgia de São Basílio. Celebra-se 10 vezes ao ano: 1º de janeiro, 5 primeiros domingos da Quaresma, 5ª Feira Santa, Sábado Santo, véspera do Natal (24 de dezembro) e véspera da Epifania (05 de janeiro); 3ª – Liturgia de São João Crisóstomo. Esta última seria uma abreviação da liturgia de São Basílio, celebrada quase todos os dias.

## **1.3 Divina Liturgia de São João Crisóstomo**

A Divina Liturgia de São João Crisóstomo divide-se em três partes: 1ª – Preparação das oferendas ou da matéria do sacrifício – “Proskomydia”; 2ª – Liturgia dos catecúmenos ou Liturgia da Palavra; 3ª – Liturgia dos fiéis ou Liturgia Eucarística.

## **1.4 Simbolismo**

As cerimônias da Divina Liturgia são cheias de simbolismo. Não é de estranhar, pois o próprio Cristo quis que a Eucaristia fosse um memorial da sua paixão, morte e ressurreição. A Igreja ordenou a Divina Liturgia de modo a nos lembrar a pessoa do Salvador e os mistérios da sua vida sobre a terra.

Quanto ao simbolismo, a Divina Liturgia pode ser dividida em quatro partes: A primeira vai da preparação até a procissão do Santo Evangelho e simboliza a vida oculta de Cristo. A segunda parte vai da procissão do Evangelho até a procissão do ofertório, e simboliza a vida pública de Cristo. A terceira parte vai da procissão do Ofertório até a Comunhão e simboliza a vida padecente de Cristo – paixão e morte. A quarta parte vai da Comunhão até o fim e simboliza a vida gloriosa de Cristo.

## **1.5 Celebrante**

Na Liturgia Romana renovada, o celebrante é considerado como o presidente da assembleia, o anfitrião dos comensais na mesa do Senhor. Por isso lhe é recomendado, não prescrito, celebrar de frente para o povo.

Na Liturgia Bizantina, o celebrante é considerado mais como o guia, o introdutor dos fiéis ao banquete eucarístico e seu porta-voz na sua audiência com Deus; é como o pastor que “caminha diante do rebanho” para conduzi-lo às fontes da graça e da salvação. Ele é Cristo caminhando adiante de seus discípulos, quando subia a Jerusalém ao encontro de sua paixão e morte (Mc 10,32), que é renovada misticamente sobre o altar. Por isso, não se adotou o uso de celebrar de frente para o povo. A liturgia não é unicamente ceia, é também sacrifício.

Várias vezes, porém, o celebrante volta-se para a assembleia para transmitir-lhe os ensinamentos e os preceitos do Mestre e desejar-lhe a paz. Duas vezes anda no meio dela como fazia Cristo no meio do povo: procissão do Evangelho e procissão do Ofertório.

## 2. “PRÓTESE” – “PROSKOMYDIA”

A primeira parte da Divina Liturgia de São João Crisóstomo é preparação das oferendas ou matéria do sacrifício e se faz quase ocultamente, dentro do santuário, sem a participação dos fiéis, simbolizando assim os 30 anos de vida oculta que o Salvador passou na terra, preparando-se para o seu ministério público.

Após ter rezado as orações chamadas “oração da porta”, porque se fazem diante da “porta santa”, que dá acesso ao santuário, e dos ícones do Salvador e da Mãe de Deus, o sacerdote entra no santuário, paramenta-se, lava as mãos e se dirige para o altar pequeno, chamado “Altar da Preparação” ou Prótese, situado à esquerda do altar-mor. Sobre ele acham-se colocados os objetos que vão servir para o sacrifício, a saber: o cálice, a patena, o asterisco, os véus, o grande e os pequenos, o pão, a água e o vinho, e uma pequena espátula, em forma de lança.

O pão do sacrifício só pode ser de farinha de trigo pura e com fermento. Chama-se “prosfora”, isto é, oferenda, oblata, porque eram os fiéis que o ofereciam para o sacrifício. Antigamente, usavam-se cinco pães; hoje, um é suficiente, e até foi introduzido o costume do uso de hóstias previamente cortadas. De forma redonda, leva no meio a marca de um selo quadrado com as abreviações das palavras gregas NIKΑ, que significam: “Jesus Cristo triunfa”. Esta parte carimbada forma a hóstia chamada “Cordeiro” para lembrar o cordeiro pascal, figura de Cristo, o Cordeiro de Deus que veio à terra para tirar o pecado do mundo.

Com a lança, o sacerdote tira da “prosfora” ou “cordeiro” que é colocado no meio da patena. Em seguida, derrama vinho e água no cálice. Depois corta uma partícula, geralmente triangular, chamada “panaghia”, em honra à Virgem Maria, Mãe de Deus, e as partículas em honra aos santos e em intenção dos vivos e dos mortos. Cobre o cálice e a patena com os véus. Incensa as oblatas e recita a oração da oferenda que cada um dos concelebrantes deve rezar, mesmo que não participou da preparação da matéria do sacrifício.

A “Protese” simboliza a manjedoura onde nasceu o Salvador. Mas, como ele nasceu para ser vítima, o sacerdote, representando o Espírito Santo realizando o mistério da Encarnação, extrai o Cordeiro do pão como do seio virginal da Santíssima Mãe de Deus, proferindo as palavras do profeta Isaías, que o mostrava vítima de propiciação pelos nossos pecados: *“Como uma ovelha foi levado ao matadouro. E corno um cordeiro sem mancha diante do que o tosquia não abriu sequer a sua boca. Na sua humildade, o seu julgamento foi exaltado. Quem contará à sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra”* (Is 53,7s.).

Entalhando a hóstia em forma de cruz, o sacerdote diz: *“É imolado o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, para a vida e a salvação do mundo”*.

Jesus ofereceu-se em oblação desde o primeiro instante da sua vida terrestre: *“Eis que venho para fazer a tua vontade”*. Esta oblação teve sua coroação no Calvário. Nascimento e morte do Salvador são duas fases de um mesmo ato. Por isso, a Liturgia Bizantina considera também a Prótese como o lugar onde se imola o Cordeiro.

O vinho é misturado com a água, porque do lado do Salvador saiu sangue e água. O sacerdote faz esta mistura depois de abrir com a lança o lado direito do Cordeiro, em cima da palavra IX, dizendo o versículo de São João: *“E um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e imediatamente saiu sangue e água. Aquele que viu deu testemunho, e seu testemunho é verdadeiro”*.

A Mãe de Deus é figurada pela partícula especial colocada à direita do Cordeiro, como se estivesse no Calvário. Colocando essa partícula, o sacerdote repete o versículo do Salmo 44, que diz que o lugar da rainha é à direita do rei: *“A Rainha pôs-se à vossa direita, envolta num manto bordado a ouro”*. À esquerda do Cordeiro são colocadas em três filas, nove partículas em honra às legiões de santos: os Anjos; São João Batista, o Precursor; os Profetas; os Apóstolos; os Santos Bispos e Padres da Igreja; os mártires; os santos ascetas; Os “anargiros”, São Joaquim e Ana, avós do Filho de Deus; o Padroeiro da Igreja, São João Crisóstomo ou São Basílio, autores da Liturgia que está sendo celebrada. Por baixo do Cordeiro colocam-se partículas em memória dos vivos e dos mortos: especialmente daqueles pelos quais a Divina Liturgia é celebrada.

E assim, acham-se reunidos em redor do Cordeiro os seus membros místicos que formam a Igreja triunfante no céu, a Igreja militante na terra e a Igreja padecente no purgatório. Voltando a ver no altar da pregação a gruta de Belém e, na patena, a manjedoura, o sacerdote coloca em cima desta um asterisco simbolizando a estrela que guiou os magos e parou sobre o lugar onde estava o menino. Depois cobre as oblatas com os véus para lembrar as faixas com as quais Maria envolveu o corpo do Menino Jesus recém-nascido na manjedoura; e os lençóis que serviram para envolver o corpo do Salvador morto após a descida da cruz. Enfim, incensa as oferendas para lembrar os presentes dos Reis magos e também os aromas com os quais as santas mulheres, chamadas “miroforas”, embalsamaram o corpo do Redentor.

*“Ó, Deus, és nosso Deus, que enviastes Nosso Senhor Jesus Cristo, o pão celeste, o alimento do mundo inteiro, como Salvador, Redentor e Benfeitor, para nos abençoar e nos santificar; abençoai esta oferenda... e lembrai-vos dos que a ofereceram e daqueles pelos quais foi oferecida e guardai-nos irreprensíveis no cumprimento dos vossos divinos mistérios”.*

### **3. LITURGIA DOS CATECÚMENOS OU LITURGIA DA PALAVRA**

Para explicar de uma forma um pouco mais completa os elementos desta segunda parte da Divina Liturgia, o presente capítulo contempla os seguintes pontos: 1. Divisão, 2. Incenso, 3. “Bendito seja o Reino do Pai...”, 4. “Irinica” – Grande litania, 5. “Kyrie eleison”, 6. Antífonas, “típica” e “sinaptas”, 7. Pequena entrada, 8. Liturgia pontifical, 9. “Troparios”, 10. “Trisagion”, 11. Substituição do “trisagion”, 12. Epístola e Evangelho, 13. Homilia, 14. “Ectenia” ou Súplica insistente – Litania tríplice, 15. Lei do arcano, 16. Disciplina do catecumenato.

#### **3.1 Divisão**

A Liturgia da Palavra compreende as seguintes partes: 1. Uma longa oração dialogada, chamada Grande Súplica, grande “sinapti” ou “irinica”, a Grande Litania; 2. Cantos de salmos, antífonas ou típica, com duas pequenas “sinaptas”; 3. Pequena entrada ou procissão com o Livro dos Santos Evangelhos; 4. Hinos próprios do dia, os “troparios”; 5. Hino do “trisagion”, Santo Deus...; 6. Epístola com seu “proquimenon” e aleluia; 7. Evangelho; 8. Litania tríplice; 9. Oração pelos catecúmenos e despedida dos mesmos.

Até a procissão com o Evangelho esta parte continua simbolizando a vida oculta de Jesus. Da procissão com o Evangelho até a procissão do ofertório, recorda-se a vida pública de Jesus até a sua paixão.

#### **3.2 Incenso**

O sacerdote termina a preparação das oferendas e começa a Liturgia dos Catecúmenos, incensando os dois altares, os ícones, a igreja e os fiéis. Este é o primeiro grande incensamento. O incenso queimado pelo fogo transforma-se em fumaça que sobe ao céu em forma de nuvens, enchendo o ambiente da fragrância de seu aroma. Sua destruição pelo fogo faz dele um holocausto e seu aroma é o fruto desta destruição. Assim, os discípulos de Cristo devem oferecer-se em holocausto a Deus e irradiar o bom odor espiritual de sua vida cristã.

A fumaça do incenso que se eleva para o alto simboliza a oração pela qual a alma se eleva a Deus. Por isso, ouvimos o Salmista (140,2) clamar: *“Que minha oração, Senhor, suba até vós como o incenso”*, e no livro do Apocalipse (5,8), as orações dos santos no céu representadas por taças de ouro cheias de perfumes que os 24 anciãos revestidos de branco, oferecem ao Cordeiro de Deus que está de pé no meio do trono, como se tivesse sido imolado.

O incenso cria desde o início da Divina Liturgia uma atmosfera celeste lembrando ao sacerdote e aos fiéis a necessidade de se prepararem para o sacrifício, para serem, como diz o Apóstolo, “o bom odor de Cristo”, pelo qual difunde em toda a parte o “perfume de sua doutrina” (2Cor 2,14-15).

Depois de cobrir as oferendas com os véus, o sacerdote inclina-se três vezes diante delas e as incensa, em sinal de adoração para lembrar a adoração dos Reis Magos ao Menino Jesus e os presentes (ouro, incenso e mirra), que lhe ofereceram.

Dirigindo-se em seguida ao altar-mor, incensa-o nos quatro lados, rezando em silêncio: “Ó, Cristo, estáveis de corpo no sepulcro e com a alma nos infernos, e, como Deus, no paraíso com o ladrão; e no trono com o Pai e o Espírito Santo, ocupando todo lugar, vós o ilimitado”. Com isto recorda-se: 1) o lugar simbolizado pelo altar, isto é, o Gólgota e o sepulcro, onde o Filho de Deus encarnado morreu para a redenção do gênero humano; 2) os infernos ou Mansão dos mortos, aqui no sentido de limbo, onde desceu depois de morto para salvar os justos que morreram, antes dele, e estavam à sua espera. Por isso, havia habitualmente túmulos debaixo dos altares; 3) o Paraíso ou o Céu, onde fez entrar o bom ladrão; 4) o trono celeste, no qual sentou-se glorioso, à direita do Pai.

Prosseguindo, incensa os ícones, a igreja e os fiéis. O sacerdote incensa o altar, porque é o trono de Deus; os ícones, porque o representam e representam seus santos; os fiéis, porque são suas criaturas feitas à sua imagem e semelhança; os objetos de culto porque consagrados a ele; e a igreja porque é sua casa.

Incensando os fiéis no início da Divina Liturgia, o sacerdote lembra um antigo costume na vida doméstica de todos os povos do Oriente, que ofereciam água e perfume ao hóspede, desde a sua entrada na casa, para ele poder se lavar e se perfumar (Lc 7,44-47). Assim, o sacerdote, em sua qualidade de ministro de Deus, incensa o rico e o pobre sem distinção, dando-lhes as boas-vindas a este banquete espiritual, a esta ceia mística, como hóspedes e visitantes convidados a serem comensais do Rei celeste.

É bom também observar que, cada vez que Cristo vai aparecer ou se manifestar durante o sacrifício, sua aparição é precedida pelo incensamento: no começo da celebração, no evangelho e no ofertório.

Nestes três momentos que lembram a aparição de Cristo, no primeiro, como recém-nascido, no segundo, pregando a Boa-Nova, e, no terceiro, sofrendo por nossa causa, a Igreja convida-nos a recebê-lo com perfumes e a encher nossos corações de aroma dos bons sentimentos de caridade, fé, humildade e pureza.

### **3.3 “Bendito seja o Reino do Pai...”**

Após ter beijado o Evangelho e o altar, o sacerdote segura o livro dos Evangelhos com as duas mãos, faz com ele uma cruz sobre o “antimimension” e diz em voz alta: “*Bendito seja o reino do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, agora...*”

O Evangelho é o Verbo, isto é, a Palavra de Deus e sua Boa-Nova. Nele, os Evangelistas nos transmitem as verdades da nossa fé, reveladas pelo Verbo encarnado. Por isso, liturgicamente, fica sempre colocado em lugar de honra, em cima do altar, como num trono. Cede este lugar somente ao Verbo de Deus feito homem, quando este, a partir do ofertório até após a comunhão, for ali levado para ser imolado.

A Igreja, templo e fiéis, é o reino de Deus, isto é, sua morada e seu povo. Abençoando simbolicamente, em forma de cruz, o universo pelos quatro pontos cardeais, o sacerdote pede que este reino de Deus, por meio de sua palavra, seja bendito e propagado pelo mundo inteiro, para a glória da Trindade Santa. A assembleia, acatando o pedido do sacerdote, clama: Amém, assim seja”. “Amém”, é uma palavra aramaica, que significa assim seja.

### **3.4 “Irinica” – Grande litania**

Em seguida, o sacerdote convida os fiéis a repetir as invocações que a Igreja dirige incansavelmente a Deus, desde os primeiros tempos da sua existência. Convida-os inicialmente a rezar em paz e pela paz: “em paz oremos ao Senhor”; e a pedir a paz, não qualquer paz, mas a paz que vem do alto, a paz com Deus, com o próximo e com sua própria consciência, condição indispensável para que a oração seja atendida.

Por causa desta insistência “na paz”, esta primeira oração dialogada foi chamada “irinica”, do grego, *irini*, paz. Os cristãos devem pedir a paz não só para si, mas também para o mundo inteiro. Por paz não se entende somente a ordem, o sossego, a tranquilidade e o bem-estar temporais, mas sobretudo a felicidade sobrenatural proveniente da estabilidade das Santas Igrejas de Deus e da união de todos na fé e na caridade.

A oração se faz especialmente pelos fiéis presentes no templo, que nele se comportam com fé, devoção e temor, isto é, respeito de Deus; pelo pastor e pelo clero da eparquia-diocese; pelos governantes e seus auxiliares; pelo exército; por todos os povoados do país (grandes e pequenos, cidades e aldeias), especialmente pela cidade onde se celebra o sacrifício; pela salubridade do ar, pela abundância dos frutos da terra, necessários à vida; por tempos pacíficos; pelos viajantes por mar, terra e ar; pelos que sofrem e para que todos sejam livres de aflição, calamidade, perigo e necessidade.

### 3.5 “Kyrie eleison”

A cada um destes pedidos, a assembleia dos fiéis responde “Kyrie eleison”, Senhor, tende piedade. Dizem “As Constituições Apostólicas” do século IV, que a assembleia o faz pela voz das crianças. A referência às vozes infantis participando é por causa da fácil repetição do “Kyrie eleison” no conjunto da oração comum. Assim, desde o século IV, manifesta-se a preocupação pela participação ativa das crianças no Santo Sacrifício. O próprio São João Crisóstomo insiste em suas homilias sobre esta intervenção das crianças inocentes, colocadas à frente da assembleia na oração dialogada, para solicitar a misericórdia de Deus por seu povo. Em vez de ficar conversando ou brincando durante a celebração, as crianças devem, portanto, prestar atenção e responder, juntamente com os adultos, aos pedidos feitos pelo sacerdote. Deus gosta de ouvir sua voz, mesmo desafinada, e se interessa por elas. Não disse ele aos apóstolos: “*Deixai vir a mim as crianças?*”

O “Kyrie eleison” é a oração que mereceu elogio do próprio Cristo, na parábola do Fariseu e do Publicano. Não devemos, pois, cansar-nos de repeti-la. É o grito do homem humilde, pecador e necessitado que implora a misericórdia de seu Senhor. Deus, diz-nos o Salmista, “*atende à oração dos humildes e não despreza a sua prece*” (Sl 101,18).

Comemorando... Para marcar a importância de nossas orações, às quais faltam a pureza da consciência, a reta intenção e o ardor da fé e da esperança, o sacerdote, dirigindo seus olhares para a Mãe de Deus e os santos, convida os fiéis a comemorar, isto é, a recorrer àqueles que sabiam rezar melhor do que nós e que, agora, rezam por nós no céu; e a nos recomendar, nós mesmos, uns e outros e toda a nossa vida a Cristo, nosso Deus.

O sacerdote termina esta série de súplicas pela glorificação da Santíssima Trindade, glorificação esta que, tal como um fio de ouro ligando tudo, corre através da liturgia, começando e concluindo cada ato e cada oração. Nesta glorificação, o sacerdote exprime também os motivos que nos levam a ter confiança em Deus e que nossos pedidos sejam atendidos: Ele é poderoso, glorioso, misericordioso e amigo dos homens. A assembleia em oração expressa sua adesão pelo “Amém”, “assim seja”.

### 3.6 Antífonas, “típica” e “sinaptas”

Entre a grande súplica da paz, grande “sinapti” ou “irinica”, e as duas súplicas pequenas, pequenas “sinaptas”, o coro ou o povo canta as antífonas, as típicas e os “macarismi”, que são as bem-aventuranças.

A palavra “sinapti” equivale ao termo latino “collecta”; nela, o sacerdote recolhe, colige em uma fórmula comum as intenções principais de cada um e de todos os membros da assembleia.

Antigamente, a grande “sinapti” ou “irinica” era repetida depois da primeira e da segunda antífonas e entre as orações pelos fiéis. Depois, a Igreja contentou-se com o primeiro e o último pedido, a comemoração da Mãe de Deus e dos Santos e a glorificação da Santíssima Trindade, a fim de evitar a repetição cansativa.

As antífonas são aclamações ou jaculatórias, cantadas pelo coro, em forma de estribilho e intercaladas entre os versículos de certos salmos, escolhidos de acordo com a festa que se celebra e lidos pelo leitor no meio do coro.

Também antigamente lia-se o salmo inteiro. Depois, para abreviar, contentou-se com três ou quatro versículos. Em nossos dias, geralmente cantam-se somente as antífonas sem os versículos dos salmos. Hoje, depois do Sínodo dos Bispos Católicos Ucrânicos de 1988, volta-se a repetir os três versículos.

Nos dias comuns da semana, as antífonas são as mesmas. Para as festas do Senhor e da Mãe de Deus há antífonas e salmos próprios escolhidos de acordo com cada festa. A aclamação, porém, da primeira antífona é invariável para os dias comuns como para as festas; é um apelo à intercessão da Mãe de Deus: *“pela intercessão da Mãe de Deus, ó Salvador, salvai-nos”*.

Aos domingos, em geral, as duas primeiras antífonas são substituídas pelos salmos 102 e 145, respectivamente, chamados “típica”, isto é, marcados; e a terceira pelas “bem-aventuranças” do Sermão da Montanha, conhecidas pela palavra grega que começa cada a aclamação de Jesus “macarismi – bem-aventurados”.

Pena que as “típicas” e sobretudo os “macarismi” estejam sendo postos de lado: serviam tão bem para lembrar o que alguém chamou de “Carta Magna do Cristianismo” e para anunciar a aparição do Salvador como pregador de sua nova doutrina a ser simbolizada pela pequena entrada: bem-aventurados os pobres, os que choram, os mansos, os misericordiosos, os puros, os pacíficos, os perseguidos...

O “monogenis”, em grego, *mono* e *genis*, é um hino à encarnação, ao Filho unigênito. No fim da segunda antífona ou do segundo salmo das “típicas”, canta-se o hino: “Ó, Filho Unigênito”. Este hino, composto provavelmente em Antioquia pelo Patriarca Sevério e introduzido na Liturgia pelo imperador Justiniano II, em 535, é de grande teor teológico, pois, em poucas palavras, enuncia os mistérios fundamentais da nossa fé: a Santíssima Trindade, a encarnação do Filho de Deus, a redenção do gênero humano pela morte de Cristo na cruz, a maternidade divina de Maria e sua virgindade perpétua. Alguns liturgistas consideram-no como uma profissão de fé para os catecúmenos como o “credo” para os fiéis.

### 3.7 Pequena entrada

Enquanto o coro canta a terceira antífona ou as bem-aventuranças, o sacerdote, precedido pelo diácono, segurando o Evangelho, e pelos acólitos, segurando a cruz, as tochas e o turíbulo, desce do altar e sai, não pela porta santa, mas pela porta lateral norte, atravessa em procissão a igreja, passando no meio do povo, e entra no santuário pela porta santa ou real.

Qual é o sentido desta procissão chamada a procissão do Evangelho ou “pequena entrada” para distingui-la da entrada do ofertório?

“A entrada do Evangelho, diz São Germano, patriarca de Constantinopla, simboliza a vinda do Filho de Deus e sua entrada no mundo”. O diácono, segurando o Evangelho, figura o Precursor, que devia mostrar o Filho de Deus ao mundo. *“Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”*, disse João Batista ao ver Jesus aproximar-se dele.

O sacerdote representa Nosso Senhor Jesus Cristo vestindo a nossa natureza humana e descendo do céu (o santuário) sobre a terra (a nave), no meio dos homens.

Os “ceroferarios” precedem com tochas acesas, porque Cristo é a luz do mundo; ele mesmo assim se identificou: *“Eu sou a luz do mundo”*; e São João Batista foi qualificado pelo próprio Cristo como “lâmpada ardente e brilhante”, de cuja luz os judeus quiseram gozar apenas por pouco tempo (Jo 5,35).

A cruz que segue lembra o modo e o instrumento que Cristo escolheu para salvar os homens. Os fiéis, considerando o Evangelho, levado pelas mãos de humildes ministros da Igreja, como o próprio Salvador aparecendo pela primeira vez em público para a sua pregação divina, ficam de pé e inclinam-se diante dele, porque, como diz São Paulo: *“Quando Deus Pai introduz o seu Primogênito na terra diz: e todos os Anjos de Deus o adorem”* (Hb 1,6).

A procissão pára no meio da Igreja a uma pequena distância da porta santa. O sacerdote, inclinando a cabeça, em silêncio pede a Deus, que estabeleceu nos céus legiões e exércitos de anjos e arcanjos para o serviço da sua glória, que faça com que esses mesmos exércitos, unidos aos fiéis na glorificação da sua bondade, o acompanhem até o altar.

Antigamente, nas cerimônias oficiais profanas, um arauto anunciava a chegada do imperador, clamando “*O imperador!*” para que todos os presentes se levantem e o recebam com respeito. Assim também, o sacerdote ou diácono anuncia a presença do Verbo de Deus, sabedoria infinita e eterna, representado pelo Evangelho, clamando: “*A Sabedoria!*”, e convida os fiéis a ficarem de pé por respeito.

A entrada dos justos no céu foi obtida pela Santa Cruz; assim, o sacerdote benze as portas santas, em forma de cruz, e, elevando o Santo Evangelho, faz com ele no ar uma grande cruz e canta: “*Vinde, adoremos e prostremo-nos ante o Cristo!...*”.

O povo repete a segunda parte do canto da entrada para manifestar que está de acordo com tudo o que foi dito e feito: “*Salvai-nos, ó Filho de Deus...*”.

Entrando no santuário pelas portas santas, o sacerdote recoloca sobre o altar o Evangelho, que é a palavra da verdade e da vida.

### **3.8 Liturgia pontifical**

Na liturgia pontifical, celebrada pelo bispo, ele se paramenta e permanece até a pequena entrada, sentado num trono colocado no centro da igreja, no meio do povo, representando Cristo que, pela encarnação se fez homem e morreu no meio dos homens que veio salvar, ouvindo-os e ensinando-os. Com a procissão do Evangelho, sobe ao altar.

### **3.9 “Troparios”**

Terminada a procissão do Evangelho, o sacerdote e o diácono entram no santuário cantando o “isodicon”, canto de entrada, que o coro repete. Em seguida, cantam-se os “troparios” ou hinos do dia.

Os troparios são hinos ou composições poéticas sobre a festa do Senhor, da Mãe de Deus ou dos santos que a Igreja comemora naquele dia. Podem ser qualificados como a “*pregação pelo exemplo, precedendo a pregação pela Palavra*”.

No domingo, dia do Senhor, comemora-se o ano todo a ressurreição de Cristo. Por isso, o primeiro hino a ser cantado é o “apolitiquion da ressurreição”, segundo um dos oito tons litúrgicos, que recorda este grande acontecimento, base e razão da nossa fé, visto que, como diz São Paulo aos Coríntios: “*Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação, e vã também a vossa fé*” (1Cor 15,14).

Nas festas do Senhor, da Mãe de Deus e dos Santos, os “troparios” enaltecem os mistérios da vida de Jesus e de sua Mãe, e as virtudes e feitos dos cristãos que seguiram os passos do Salvador renunciando a tudo neste mundo e sacrificando-se por ele até a morte. Os “troparios” são cantados logo depois da entrada do Evangelho, justamente para nos apresentar o exemplo daqueles que puseram em prática os ensinamentos contidos neste mesmo Evangelho e assim mereceram entrar no reino dos céus, conforme disse Jesus a seus discípulos: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas. Aquele que crer e for batizado será salvo. Aquele que não crer será condenado*” (Mt 16,15-16).

Esses hinos têm nomes diferentes de acordo com o lugar que ocupam e o assunto que desenvolvem na composição poética, chamada “cânion”, da qual fazem parte: “troparion”, “apolitiquion”, “condaquion”, “hirmos”...

As grandes festas do ano são anunciadas, aos domingos, com várias semanas de antecedência, pelo “condaquion” final; e seus “troparios” continuam a ser cantados durante a oitava que segue a festa. O “condaquion” do padroeiro da igreja é sempre o penúltimo.

### 3.10 “Trisagion”

O hino “trisagion”, três vezes santo, reza: “*Santo Deus, Santo poderoso, Santo imortal, tende piedade de nós*”. Existe uma lenda relativa à origem deste hino e sua introdução na liturgia. É a seguinte: no século V, no tempo do Patriarca São Proclo, sucessor de São João Crisóstomo, a cidade de Constantinopla foi abalada por terremotos durante quatro meses. Um dia, enquanto o povo, dominado pelo medo, implorava fora das muralhas a misericórdia divina, gritando “Kyrie eleison – Senhor, tende piedade”, um menino foi arrebatado aos céus e lá ouviu os anjos cantarem o “trisagion” diante do trono de Deus, e uma voz ordenava ao bispo que organizasse procissões nas quais se cantaria esse hino. Voltando à terra, o menino contou o que viu e ouviu. O patriarca mandou fazer de acordo com a ordem recebida e o terremoto parou. Este hino se reza também no início e no fim de todos os ofícios públicos.

A Igreja bizantina sempre considerou este hino dirigido à Santíssima Trindade e cada uma das partes referindo-se a uma das três pessoas divinas: Santo Deus, Pai eterno Santo poderoso; seu Filho, que é sua força e seu verbo criador; Santo Imortal, seu Espírito Santo, isto é, o amor que não morre e sua vontade sempre viva e vivificante.

Para comprovar esta atribuição, temos o fato seguinte: em 470, o patriarca de Antioquia Pedro, o Prisioneiro, acrescentou após “Santo Imortal”, “que foi crucificado por nós”. Este acréscimo provocou grandes discussões teológicas e acabou sendo proibido com o seguinte argumento: Santo Imortal refere-se ao Espírito Santo; ora, quem foi crucificado por nós foi o Filho: portanto, este acréscimo não se pode fazer depois da terceira parte.

Esta atribuição é claramente expressa no hino seguinte: “*Vinde, povo, adoremos a Divindade em três pessoas: o Pai no Filho com o Espírito Santo. Porque o Pai, de toda eternidade gera um Verbo co-eterno e co-reinante e o Espírito Santo está no Pai, glorificado com o Filho, poder único, única essência, única divindade; é ela que adoramos quando dizemos: Santo Deus, que criou tudo pelo Filho com a colaboração do Espírito Santo; Santo Poderoso, por quem conhecemos o Pai e por quem o Espírito Santo veio ao mundo; Santo Imortal, Espírito Consolador que procede do Pai e repousa no Filho: Trindade Santa, glória de vós*” (Pentecostes, Grandes vésperas).

Nas celebrações pontificais, usa-se o “diquirion” e o “triquirion”, que são dois castiçais pequenos: o “diquirion” suportando duas velas cruzadas; o “triquirion” com três velas cruzadas. O primeiro simboliza a encarnação, isto é, as duas naturezas e uma pessoa em Cristo; o segundo representa a Santíssima Trindade, uma só natureza divina em três pessoas distintas.

### 3.11 Substituição do “trisagion”

Nos dias em que na antiguidade se administrava o Batismo com solenidade, o “trisagion era substituído pelo versículo seguinte, tirado de São Paulo e dirigido àqueles que foram batizados: “*Vós todos que fostes batizados no Cristo vos revestistes do Cristo. Aleluia*”. Estes dias são: o dia do Natal, da Epifania, sábado de Lázaro (antes do Domingo de Ramos), Vigília Pascal (noite de sábado santo para domingo de Páscoa), a Semana da Páscoa (inteira), e o dia de Pentecostes.

Nos dias em que se venera a Santa Cruz, substitui-se o “trisagion” com a aclamação seguinte: “*Adoramos vossa Cruz, Senhor, e glorificamos vossa santa Ressurreição. Aleluia*”. Estes dias são: 3º domingo da Quaresma, 1º dia de agosto, 14 de setembro (Exaltação da Santa Cruz).

### 3.12 Epístola e Evangelho

Terminado o canto do “trisagion”, faz-se a leitura da Epístola e do Evangelho. A epístola é lida pelo leitor e o Evangelho pelo diácono ou pelo sacerdote.

Na Divina Liturgia há somente leituras tiradas do Novo Testamento; as do Antigo Testamento se fazem nos outros ofícios litúrgicos, sobretudo no Ofício de Vésperas.

Desde a origem e talvez enquanto ainda viviam os apóstolos, considerava-se o número de quatro Evangelhos como um fato providencial, para o qual procuravam uma razão mística. A explicação mais comum que se dava no tempo de Santo Irineu (†202 ou 203) era o paralelo com os

querubins alados do profeta Ezequiel: no primeiro capítulo de sua profecia, Ezequiel descreve a visão que teve e na qual viu quatro seres que aparentavam possuir, cada um, num só corpo, a figura de um homem, de um leão, de um touro e de uma águia. De cada uma destas figuras, os santos padres fizeram o emblema de um evangelista, atribuindo o homem a São Mateus, o leão a São Marcos, o touro a São Lucas e a águia a São João.

São Jerônimo explica esta atribuição do seguinte modo. São Mateus é representado por uma figura de homem, porque começou seu Evangelho dando a genealogia humana de Jesus, demonstrando assim que Cristo é homem. São Marcos é representado pela figura do leão porque começou seu Evangelho pela enérgica pregação de João Batista, “voz que clama no deserto”, semelhante ao rugido de leão. São Lucas é figurado pelo touro porque começou seu Evangelho contando a participação do sacerdote Zacarias nas cerimônias do culto no templo onde o boi era a vítima usada nos sacrifícios da antiga lei. São João é simbolizado pela águia porque iniciou seu Evangelho pela eterna origem de Cristo, “no começo era o Verbo”, e por causa das alturas espirituais e divinas a que se elevou.

A mesa do altar nas igrejas bizantinas tem como suporte quatro colunas nos quatro cantos e uma coluna maior no centro. As quatro colunas laterais do altar simbolizam os quatro Evangelistas; e a do centro, chamada calamos, caniço, a pena com que escreveram; ou, melhor, Jesus Cristo, pedra angular da Igreja.

### **3.13 Homilia**

Os fiéis ouvem a leitura do Evangelho de pé, com atenção e respeito, como fariam os discípulos dedicados ouvindo os ensinamentos de seu mestre e servos fiéis recebendo as ordens de seu Senhor e chefe e dispostos a executá-las.

Terminada a leitura, o povo, movido pelo sentimento de gratidão por ter sido julgado digno de ouvir a palavra de vida, clama: “*Glória a vós, Senhor, glória a vós*”.

O sacerdote recoloca o Evangelho sobre o altar e faz a homilia ou pregação. A esse respeito, o Concílio Vaticano II diz na “Constituição sobre a Sagrada Liturgia”, n. 52: “*Recomenda-se vivamente como parte da própria liturgia a homilia pela qual, no decurso do ano litúrgico, são expostos os mistérios da fé e as normas da vida cristã a partir do texto sagrado*”.

A homilia é, pois, uma parte integrante da Divina Liturgia. O sacerdote tem por missão e obrigação pregar a Palavra de Deus: “*ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas*”, disse Jesus a seus Apóstolos (Mc 16,15). São Paulo recomenda a Timóteo, seu discípulo predileto (2Tm 4,1-3): “*Diante de Deus e de Jesus Cristo... eu te peço: prega a palavra, insta oportuna e inoportuna, repreende, roga, exorta com toda a paciência e doutrina*”.

Se uma das missões do sacerdote é pregar a Palavra de Deus, a obrigação dos fiéis é ouvi-la para fazer dela a regra de sua vida: “*Quem vos ouve a mim ouve, e quem vos despreza a mim despreza. E, quem me despreza, despreza aquele que me enviou*” (Lc 10,16).

Nem todos os pregadores tem o dom da eloquência. Não é também a beleza do discurso o que mais importa, mas a verdade; não é a eloquência e a retórica que se deve procurar antes de tudo, mas a doutrina. “*Quando fui ter convosco*”, escreveu São Paulo aos Coríntios (1Cor 2,1), “*para vos dar testemunho de Cristo, não fui com a sublimidade da eloquência ou da sabedoria... Meu ensino e minha pregação não se baseavam nas palavras persuasivas da sabedoria humana, mas na manifestação do Espírito e do poder (de Deus), para que vossa fé não se funda na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus*”. “*Os pregadores plantam e regam, mas só Deus faz crescer*” (1Cor 3,6).

### **3.14 “Ectenia” ou Súplica insistente – Lítania tríplice**

Depois da homilia, o sacerdote proclama, de novo, as intenções pelas quais a assembleia é convidada a rezar: “*Digamos todos de toda nossa alma e de todo nosso espírito, digamos: Senhor tende piedade – Kyrie eleison*”.

O “Kyrie eleison” da assembleia completa a frase iniciada pelo sacerdote e repete-se três vezes após cada um dos pedidos feitos pelo celebrante. Esta repetição do tríplice “Kyrie eleison”, assim como a intensidade progressiva das súplicas, e também certa liberdade deixada ao presidente da assembleia para acrescentar pedidos à vontade, de acordo com as necessidades do momento e dos fiéis, levou a dar a esta série de pedidos o nome de “ectenia”, que quer dizer “súplica insistente”.

Alguns lhe deram a qualificação de “católica”, no sentido de oração coletiva universal. A ela corresponde a oração comum ou dos fiéis ou “prece da comunidade”, restaurada na liturgia romana pela “Constituição sobre a Sagrada Liturgia” do Vaticano II: os pedidos que a compõem abrangem todas as classes da sociedade, pois nela se pede: 1. Pelos chefes hierárquicos responsáveis diante de Deus pelo bem espiritual da comunidade: bispo, sacerdotes, diáconos e religiosos. 2. Pelos membros da comunidade presentes à celebração ou residentes na cidade, implorando para eles as graças espirituais e temporais úteis à sua salvação. 3. Pelos fiéis, pais e irmãos mortos, não somente da paróquia ou da cidade, mas também de todo o universo. 4. Pelos fundadores do templo onde se celebra o santo sacrifício. Assim, todos aqueles que contribuíram, de um modo ou de outro, para a construção da casa de Deus, serão para sempre lembrados em cada Divina Liturgia que nela for celebrada. 5. Pelos benfeitores do templo santo, que lhe ofertam o que é necessário à sua manutenção e conservação e ao serviço divino: pão, vinho, óleo, velas, incenso, toalhas para o altar, vasos sagrados como o cálice e a patena, castiçais, etc.

Quando a Divina Liturgia é celebrada por um falecido, acrescenta-se a essa “ectenia” comum a “ectenia” dos defuntos (cf. *Le règle dui diacre*, p. 62).

Após a “ectenia” universal, fazem-se orações dialogadas e em silêncio pelos catecúmenos. Para bem entender a razão destas orações, que parecem ser anacrônicas, convém recordar uns fatos históricos. Na Igreja primitiva, havia duas leis ou disciplinas que desapareceram no decorrer dos séculos: a Lei do Arcano ou segredo e a disciplina do catecumenato.

### **3.15 Lei do arcano**

A Lei do Arcano, que a Igreja estabeleceu por medida de prudência no tempo das perseguições, proibia revelar os mistérios da religião cristã àqueles que não tinham ainda sido admitidos em seu seio pelo batismo. Além do símbolo da fé, a Lei do Arcano abrangia também os sacramentos e, particularmente, o sacramento da Eucaristia. Numerosos símbolos cristãos, como o peixe, a âncora, a barca, o cordeiro, etc., são vestígios e testemunhos dessa lei. Podemos considerar também como reminiscência do Arcano a oração preparatória à comunhão, na qual dizemos: *“Recebei-me, hoje, participante da vossa ceia mística, ó Filho de Deus, porque não revelarei vosso mistério aos vossos inimigos...”*

### **3.16 Disciplina do catecumenato**

Nas origens cristãs, bastava fazer profissão de fé em Cristo para ser logo batizado; a instrução se dava depois. Mais tarde, no tempo das perseguições, a Igreja teve de proceder com mais cautela para admitir novos membros em seu seio, exigindo deles um período mais longo de preparação e de prova: este período chamava-se catecumenato. Durante o catecumenato, os que se preparavam para entrar na Igreja pelo batismo podiam assistir somente à primeira parte da Divina Liturgia, chamada por isso “missa dos catecúmenos”, isto é, dos que estavam ainda sendo catequizados.

Havia também várias classes de catecúmenos. A primeira delas eram os “audientes”, que deviam sair logo após a pregação; e a última, os competentes ou eleitos, em grego “fotizomeni”, que já estavam para receber, em breve, o batismo.

Trinta ou quarenta dias antes da recepção do Batismo, os competentes preparavam-se mais intensamente pela penitência, pela confissão de seus pecados e por uma instrução especial sobre os mistérios da fé.

O catecumenato durava dois ou três anos, às vezes mais. O batismo era administrado nas vigílias da Páscoa e de Pentecostes; e, no Oriente, também na Epifania. A confirmação e a

comunhão eram conferidas logo após o batismo. Até hoje, no rito bizantino, o sacerdote administra a confirmação juntamente com o Batismo e pode dar a comunhão até às crianças sob a espécie do vinho.

Na Divina Liturgia, pois, depois da homilia, faziam-se as orações pelos catecúmenos e pelas várias categorias de pessoas que deviam abandonar o recinto da celebração eucarística, como os penitentes e os “energúmenos”, os possessos. Em seguida, eram despedidos por intermédio dos diáconos que clamavam: *“Saíam todos os catecúmenos; catecúmenos, saí; saíam todos os catecúmenos; nenhum dos catecúmenos fique!”*

Esta disciplina do catecumenato desapareceu. No século VII, São Máximo, o Confessor, revela-nos que, já em seu tempo, a despedida dos catecúmenos e dos fiéis indignos fazia-se como mera formalidade. Em nosso tempo não se exclui mais ninguém da assistência à Divina Liturgia toda. As orações pelos catecúmenos, porém, foram conservadas, ainda que, em nossa Igreja, não há mais catecúmenos no sentido próprio. Qual o motivo?

A Igreja reza pelas necessidades de todos os homens e também pelas suas próprias necessidades em todos os países e continentes e não somente em alguma região determinada. Ora, os catecúmenos, adultos preparando-se para o Batismo, são numerosos nos países de missão, como a África e a Ásia, e sua fé está em perigo, ameaçada pelas novas ideologias anticristãs e ateias que procuram conquistá-los. Há também os catecúmenos no sentido mais amplo: os não-cristãos, os incrédulos, os materialistas e os pagãos espalhados pelo mundo inteiro e, talvez, vizinhos nossos, que esperam ainda de nós a palavra de verdade e o banho da regeneração. Oremos, pois, por eles, *“para que o Senhor lhes revele o Evangelho da justiça e os acolha na Igreja santa, católica e apostólica”*.

Quanto aos próprios fiéis, eis o que N. Gogol lhes sugere para poderem tirar proveito destas orações: *“Cada um dos fiéis, entrando em si e vendo quão longe está ainda em relação à fé e às boas obras daqueles cristãos que, nos primeiros séculos do Cristianismo eram admitidos a participar da ceia de amor; e como, para assim dizer, contenta-se em se declarar seguidor de Cristo, será associá-lo ainda a sua própria vida; como só ouve e até compreende o sentido dos ensinamentos do Mestre mas não os vive; quão fria e superficial está ainda a sua fé; como não nutre para com seu irmão o fogo do divino amor que perdoa tudo e faz derreter a dureza de seu coração; cada fiel, vendo em si tudo isto, considere-se humildemente ainda catecúmeno”*. Quando ouve o sacerdote dizer aos fiéis: *“Fiéis, oremos pelos catecúmenos, convencidos de ser tão pouco dignos do nome de fiel”*, ao rezar pelos catecúmenos, reza por si mesmo. Também, quando ouve o sacerdote dizer *“Catecúmenos, saí!”*, treme em seu íntimo e pede ao Salvador que um dia expulsou do templo os vendedores inescrupulosos, que da casa de orações o haviam transformado em covil de ladrões, que lhe ilumine a inteligência e lhe dê coragem para expulsar, ele também, do templo de sua alma, o homem carnal que o faz indigno de participar de seu sacrifício imaculado e de conceder-lhe a pureza de coração, humildade, mansidão e fidelidade para que mereça ser incluído no rebanho dos eleitos e dos verdadeiros fiéis (N. Gogol).

Durante as orações pelos catecúmenos, o sacerdote faz com o Evangelho uma cruz em cima do “antimension” e, ao pedir a Deus que *“lhes revele o Evangelho da justiça”*, eleva-o e coloca-o de lado. Assim, o lugar do Verbo de Deus escrito fica livre para receber o Verbo de Deus vivo, prestes a ser ali sacrificado.

Em seguida, abre o “antimension” no qual geralmente são desenhados os instrumentos da paixão e a descida da cruz com a Virgem Maria segurando o corpo de Jesus.

#### **4. LITURGIA DOS FIÉIS OU LITURGIA EUCARÍSTICA**

A fim de poder expor os conteúdos referentes à liturgia dos fiéis ou liturgia eucarística, fez-se necessário incluir os elementos seguintes: 1. Divisão, 2. Ofertório, 3. Simbolismo da Grande entrada, 4. “Liticis”, 5. Ósculo da paz, 6. Simbolismo, 7. Anáfora ou Cânon, 8. “É digno e justo”, 9. Anamnese, 10. Epiclese, 11. Comemorações, 12. Dípticos, 13. Preparação para a comunhão, 14. Oração da inclinação, 15. Atos manuais simbólicos, 16. Água quente ou “zeon”, 17. Comunhão, 18.

Comunhão do celebrante, 19. Comunhão dos fiéis, 20. Ação de graças e Despedida, 21. “Antidorom”.

#### 4.1 Divisão

A liturgia dos fiéis inicia-se quando o sacerdote diz: *“Nós todos, fiéis, ainda e novamente em paz, oremos ao Senhor”*.

Após a despedida dos catecúmenos e dos penitentes, os fiéis devem dar graças a Deus por terem sido considerados dignos de permanecer na casa de Deus para participar de seus santos mistérios, e, como o publicano, repetir humildemente: *“Senhor, tende piedade de mim que sou pecador”*.

A liturgia dos fiéis compreende o ofertório, a anáfora ou cânon e a comunhão.

#### 4.2 Ofertório

O ofertório é composto pelos elementos: 1. Orações pelos fiéis; 2. Canto dos querubins; 3. Procissão da Grande entrada; 4. Segunda oferenda do pão e do vinho no altar; 5. “Ectenia” pequena; 6. “Eticis”; 7. Ósculo da paz; 8. Credo.

O ponto culminante do ofertório é o que se chama de “Grande entrada”, que é também um dos momentos mais solenes da Divina Liturgia. O sacerdote, numa bela oração em silêncio, pede humildemente a Deus a graça de desempenhar, sem incorrer em condenação, o ministério a ele confiado, visto que: *“Nenhum dos que são escravos dos desejos e dos prazeres da carne é digno de comparecer diante de vós, de aproximar-se de vós e de vos servir, ó Rei da Glória, porque o vosso serviço é grande e temível, mesmo às potências celestes”*.

Depois, a fim de preparar um ambiente digno e agradável para o rei de todas as coisas, incensa com profusão o altar, o santuário, e toda a igreja, enchendo-a de aroma em forma de densas nuvens, no meio das quais serão trasladados, da “Protese” até o altar, o pão e o vinho destinados a se tornarem corpo e sangue de Cristo. Lembra também aos fiéis que suas orações devem subir até Deus como o incenso e que para serem, segundo a recomendação do Apóstolo, o bom odor de Cristo, terão de se tornar tão puros quanto os Querubins.

Durante a incensamento, o sacerdote reza, de coração contrito, o Salmo 50 e os hinos penitenciais, e o coro canta grave e solenemente o magnífico hino dito dos Querubins: *“Nós que, misticamente, representamos os Querubins, e cantamos o hino três vezes santo à Trindade vivificadora, coloquemos de lado toda preocupação temporal para que possamos acolher o Rei do universo, que as legiões dos anjos acompanham invisivelmente. Aleluia, Aleluia, Aleluia”*.

Este hino resume todo o significado da Grande entrada: cortejo de Cristo, rei, sacerdote e vítima. Enquanto isso, o sacerdote dirige-se ao altar da preparação – “Protese ou Proskomidyia”, toma o cálice e a patena e, precedido pelos acólitos segurando as tochas, a cruz e o turíbulo, passa em procissão no meio do povo através da nave central, repetindo várias vezes: *“Que o Senhor Deus se lembre de nós todos em seu reino...”*.

#### 4.3 Simbolismo da Grande entrada

Os liturgistas deram várias explicações para o valor simbólico desta procissão. São Germano de Constantinopla diz que ela lembra o cortejo triunfal que conduziu Jesus de Betânia a Jerusalém, no Domingo de Ramos, enquanto os filhos de Israel clamavam “hosana!” e os Querubins, no céu, cantavam o hino três vezes santo.

Outros veem nele o Salvador carregando a sua cruz e dirigindo-se ao Calvário para ali morrer por nós. Para outros, ela simboliza o sepultamento de Cristo, isto é, José de Arimatéia e Nicodemos transportando o Corpo do Calvário para o sepulcro. É este simbolismo que sugerem as orações pronunciadas em silêncio no altar, quando nele estão depositados o pão e o vinho: *“O nobre José desceu do madeiro o vosso corpo imaculado, envolveu-o num lençol puro, cobriu-o de aromas e o*

*depositou com cuidado num túmulo novo*". A "Protese" seria o Calvário e o altar, o sepulcro no qual "*o nobre José depositou o corpo imaculado*".

Os fiéis, em sinal de veneração e respeito, fazem uma inclinação da cabeça e persignam-se, quando o cortejo passa perto deles. Não é raro ouvi-los pedir humildemente em voz baixa: "*Lembrai-vos de mim, Senhor, em vosso reino*". O sacerdote, transmitindo seu pedido a Deus, diz: "*Que o Senhor Deus se lembre de nós todos em seu reino*"...

Essas manifestações de veneração dirigem-se a Cristo; não ainda a Cristo presente sob as espécies do pão e do vinho, pois estes não foram ainda consagrados, mas a Cristo representado já por estas oferendas, destinadas a se transformar em breve em seu Corpo e em seu Sangue.

Simeão de Tessalônica diz que essas honras tributadas às oblatas que vão se tornar Corpo e Sangue de Cristo são iguais às honras que se tributam ao príncipe que vai ser coroado rei: era conduzido com pompa para o lugar da coroação, cercado pelos grandes do reino e ovacionado pelo povo.

O hino de "cheruvicon" foi composto por pelo imperador de Bizâncio Justino II, sobrinho de Justiniano que, apesar do poder terreno que detinha, prostrou-se diante do Rei dos céus. Antigamente, em Constantinopla, o próprio imperador, para maior solenidade, tomava parte na procissão. No começo do "cheruvicon", o primeiro diácono ia buscar o imperador que o acompanhava até a "Protese", onde o soberano vestia, em cima dos trajes imperiais, um rico manto de ouro incrustado de pedras preciosas. Segurando na mão direita uma cruz e, na esquerda, o cetro, andava na frente da procissão, rodeado pelos membros do governo imperial. Diante das portas santas, o patriarca e o imperador saudavam-se mutuamente com uma inclinação de cabeça. O diácono incensava o imperador, inclinando-se diante dele e dizendo: "*Que o Senhor Deus se lembre da tua dignidade imperial em seu reino...*". Fazia o mesmo para o patriarca. O patriarca tirava o manto que o imperador havia vestido para a procissão, entregando-o a um dos diáconos e o imperador voltava a seu lugar e a Divina Liturgia prosseguia.

Em certas circunstâncias, o sacerdote, nas portas santas, de frente para o povo, fazia menção especial das intenções pelas quais vai oferecer o santo sacrifício. O coro dizia "amém" e terminava o canto do Querubim, interrompido pela procissão: "*Que as legiões dos anjos acompanhem invisivelmente. Aleluia, Aleluia, Aleluia*".

Para ter ideia da solenidade realmente impressionante que é a Grande entrada, é preciso ter visto esta cerimônia. No rito bizantino, mais do que em qualquer outra tradição, a impressão, o impacto estético deste cerimonial imponente, é, de uma importância fundamental. Segundo a narração da antiga "Crônica de Nestor", este elemento foi o fator primordial na conversão da Rússia. Os emissários de Vladimir, quando voltaram de Constantinopla, contaram: "*Os gregos conduziram-nos para onde tributam o culto a seu Deus. E não sabíamos mais se estávamos no céu ou na terra. Porque não há sobre a terra semelhante espetáculo, nem semelhante beleza; e somos incapazes de explicá-la. Sabemos somente que é ali que Deus habita com os homens, e não podemos esquecer esta beleza. Qualquer homem que provou algo doce não suporta mais a amargura. Assim não podemos ficar aqui*" (cf. POC T 22, j. 3-4, 1972, p. 247, nota 15).

#### 4.4 "Litícis"

Terminada a Grande entrada, o sacerdote prossegue o diálogo de orações com os fiéis, interrompido pela procissão das oblatas, dizendo "*Completemos nossa oração ao Senhor*" e faz uma série de pedidos, o primeiro dos quais "*pelos preciosos dons que foram oferecidos*".

Enquanto no início da Divina Liturgia pelas "irínica" e após o Evangelho pela "ectenía" rezou-se por várias classes de pessoas enumeradas separadamente – bispo, clero, governantes, habitantes da cidade, viajantes, doentes, fundadores da igreja e seus benfeitores, cantores, vivos e mortos etc. – nesta série de pedidos chamada "eticis" rogam-se a Deus graças úteis a todos e a cada um dos presentes no templo: um dia pacífico e santo; um anjo de paz que nos acompanhe durante o dia e nos guie no caminho da salvação; o perdão de nossos pecados; a paz para todos os homens; a paz e o espírito de penitência nos dias que nos restam para viver; uma morte cristã, sem dor nem

remorso de consciência; e, depois da morte, uma sentença favorável no tribunal de Cristo, supremo Juiz.

Como sempre, conclui-se pela bela fórmula de recomendação à Virgem Maria, Mãe de Deus, aos santos e às orações mútuas dos fiéis, isto é, pela oportuna recordação das garantias sobrenaturais, proveniente do dogma da Comunhão dos Santos.

Na oração em silêncio correspondente à segunda da oferenda, o celebrante pede a Deus para *“torná-lo apto a oferecer-lhe dons e sacrifícios espirituais pelos seus próprios pecados e pelos erros do povo”*.

#### 4.5 Ósculo da paz

O ponto central da “sinaxe” eucarística está se aproximando. O sacerdote procura levar os fiéis a uma preparação mais imediata e mais profunda para este ato sublime, principal motivo da sua presença no templo. A isto visam suas proclamações e exortações sucessivas, anunciando o ósculo da paz com o sentido de concórdia e de caridade: o credo, as manifestações públicas da fé e o início da anáfora, exigindo respeito e recolhimento.

O Divino Mestre, no decorrer da última ceia, disse a seus discípulos: *“Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz”*. O sacerdote, em nome deste mesmo Mestre, saúda os fiéis, desejando-lhes esta paz do Senhor: *“Paz a todos”*. Os fiéis retribuem a saudação: *“E a teu espírito”*.

Na última ceia, Jesus deu também a seus discípulos um mandamento novo: *“Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, vós vos deveis amar uns aos outros. Por este sinal todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13,34). Por isso, como se faz desde o tempo dos primeiros cristãos, o sacerdote exorta os fiéis a se amarem mutuamente: *“amemo-nos uns aos outros para que confessemos em unidade de espírito...”* A assembleia completa a frase começada pelo celebrante, dizendo: *“O Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consubstancial e indivisível”*. Esta conclusão da frase iniciada pelo sacerdote mostra claramente o acordo e a intimidade do diálogo de orações que devem existir entre a assembleia e seu presidente.

O sacerdote faz três inclinações diante do altar, dizendo cada vez em voz baixa: *“Amar-vos-ei, Senhor, vós que sois a minha força...”*, beija a patena e o cálice por cima do véu que os cobre e também o altar. Os concelebrantes fazem o mesmo, beijando o altar, e todos se dão mutuamente o ósculo da paz.

O ósculo da paz na celebração litúrgica é muito antigo. No Oriente, sempre foi colocado antes da anáfora, como preparação para a consagração; no Ocidente transferiram-se para antes da comunhão. No documento “Tradição Apostólica” de Hipólito de Roma (século III), lemos: *“Os catecúmenos não devem dar o ósculo da paz, porque o seu ósculo ainda não é santo”*. Era, portanto, um gesto reservado aos fiéis; depois de os catecúmenos terem sido despedidos, os fiéis saudavam-se mutuamente. *“Os fiéis deem-se o ósculo, prossegue Hipólito, os homens aos homens e as mulheres às mulheres”*.

Quando os fiéis se tornaram mais numerosos e menos coerentes, para evitar abusos, o ósculo da paz restringiu-se primeiro aos comungantes e depois aos celebrantes. Atualmente, no rito bizantino, somente na Divina Liturgia pontifical, o bispo, os sacerdotes concelebrantes e os diáconos se dão o ósculo da paz do seguinte modo: cada celebrante beija o altar e depois o ombro direito do bispo, dizendo *“Cristo está no meio de nós”*; o bispo responde *“está e estará”*; e fazem o mesmo entre si. *“Cristo está no meio de nós”* é uma referência às palavras de Jesus: *“Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles”* (Mt 18,20).

A caridade fraterna é indispensável para poder presenciar a realização dos santos mistérios e neles participar. Se esta caridade, este amor mútuo estiver ferido pelo desentendimento ou pelo rancor ou ódio, devemos o quanto antes restabelecê-lo pela reconciliação; senão não lucraremos nada do sacrifício de Cristo, que em vão morrerá de novo por nós. Deus não aceitará nossa oferta: *“Se estás diante do altar para entregar a tua oferta e aí te recordares que teu irmão tem algum motivo de queixa contra ti, deixa tua oferta ali diante do altar; vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois voltarás para entregar tua oferta”* (Mt 5,23-24).

Baseado neste preceito do Senhor, disse o Apóstolo que Jesus amava: *“Se alguém disser: eu amo a Deus, e odiar seu irmão, é um mentiroso. Pois quem não ama seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?”* (1Jo 4,20).

Nunca é demais recordar as exigências da nova lei a esse respeito. Ouçamos como São Paulo canta a caridade que chama ao *“caminho mais excelente”* (1Cor 13,1-7): *“Se eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse a caridade, seria como o metal que soa ou o címbalo que tine. E se tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e se tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas – se não tivesse a caridade, nada seria. E se distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, entregasse o meu corpo para ser queimado, mas não tivesse a caridade, de nada me aproveitaria. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não age inconvenientemente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus interesses, não se irrita, não pensa mal, não se regozija com a iniquidade, mas se regozija com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca terá fim”*.

*“As portas! As portas! Com sabedoria fiquemos atentos!”* Esta exclamação dirigia-se outrora aos porteiros encarregados de guardar as portas da igreja para que nela não entrassem os que não podiam assistir Liturgia dos Fiéis.

A antiguidade cristã sentiu a necessidade de um serviço de porteiros, encarregados de acolher e indicar o lugar aos fiéis, de afastar aqueles que não têm direito a tomar parte da liturgia, de obter a boa ordem na assembleia, sobretudo no momento da Comunhão eucarística. Este serviço foi, por vezes, confiado aos diáconos ou subdiáconos. Roma, contudo, teve, durante vários séculos, clérigos com a ordem menor de porteiro. Estas funções, porém, foram mais tarde deixadas aos leigos.

Hoje, estas palavras dirigem-se a todos os presentes no templo, advertindo-os para que vigiem as portas de seu coração, para dentro do qual o amor mútuo acaba de ser convocado; a fim de impedir que, no interior deste santuário espiritual, se introduza qualquer sentimento de rancor, ódio ou inimizade.

Os fiéis, ao ouvirem a proclamação do sacerdote, devem também abrir, com sabedoria, atenção e recolhimento, as portas de seus lábios e de seu ouvido à profissão de fé que de todas as bocas vai ressoar no recinto sagrado.

Depois que se deram, se não exteriormente, pelo menos mentalmente, o ósculo da paz, sinal da caridade que Cristo exigiu como condição primeira e indispensável para o direito de participar de sua oblação pura, os fiéis são agora convidados a confessar publicamente sua fé, como demonstração da adesão de sua inteligência à revelação divina e da aceitação de todas as verdades ensinadas pela Igreja e resumidas no símbolo da fé.

O que chamamos “credo”, palavra latina que significa “creio”, é a “regra de fé” que recebemos dos Apóstolos e que, como breve resumo das verdades e dos fatos concernentes à salvação, tinha dupla importância: servia externamente como barreira contra os mestres das falsas doutrinas e, internamente, constituía o fundamento da fé e da vida dos fiéis. Neste último sentido, tornou-se mais tarde, no símbolo, a forma de um compêndio de doutrina cristã.

A antiguidade unia o credo ao batismo: os catecúmenos, “electi”, acabavam a sua preparação recebendo a comunhão do símbolo da fé (Traditio symboli), que deviam aprender de cor e depois recitar ao bispo numa reunião litúrgica pública (Reditio symboli). Este símbolo batismal era, pois, a expressão solene da fé apostólica. Esta fé, jurada pelo cristão no Batismo, é o seu tesouro mais precioso e, ao mesmo tempo, sua palavra de ordem, a senha que o faz conhecer por toda parte, como filho da Igreja, como discípulo de Cristo. *“Ele pode”, diz Santo Irineu, “nascer e crescer em Esmirna, viver em Roma, evangelizar nas Gálias, e encontrará por toda parte a mesma fé, será por toda parte iluminado pelo mesmo sol de Deus”*.

O símbolo que se reza na Divina Liturgia é conhecido como símbolo Niceno-Constantinopolitano ou símbolo dos Santos Padres, por causa dos dois Concílios Ecumênicos de Nicéia (325) e primeiro de Constantinopla (381). O Concílio de Nicéia, para combater a heresia de Ário e o devastador arianismo que negava a divindade do Filho, acrescentou ao Símbolo dos Apóstolos tudo o que concerne à divindade de Jesus Cristo. Mais tarde, o Concílio de Constantinopla, para combater a heresia de Macedônio (Macedonismo), que negava a divindade do

Espírito Santo, introduziu nele os artigos que se referem à divindade do Espírito Santo, “*que procede do Pai*” e “*que falou pelos Profetas*”.

Foi no decorrer das lutas confusas contra o arianismo que o credo entrou na Divina Liturgia. No começo do século VI, o Patriarca Timóteo de Constantinopla (511-518) “*decidiu que seria recitado de futuro em cada sinaxe*”. Teodoro, o Leitor, atribui a introdução do credo na liturgia a Pedro Foulon de Antioquia, em 471. No Ocidente, sua introdução na Missa, logo após o Evangelho, se fez no século IX. Mas, enquanto os latinos juntaram-lhe, mais tarde, no século XI, o inciso “*Filioque – e do Filho*” após “*que procede do Pai*”, que nenhum texto grego continha, os orientais conservaram-no como os concílios o haviam promulgado, isto é, sem o “*Filioque*”, professando, no entanto, a fé dos Santos Padres: que o Espírito Santo procede do Pai pelo Filho.

O Símbolo de Constantinopla é uma expressão teológica da fé, de uma teologia antiga e sóbria, cujas fórmulas favorecem, verdadeiramente, a contemplação dos mistérios. Sua recitação torna-se ainda mais comovente quando é feita por todo o povo. É dele que escreveu o saudoso Papa João XXIII, em seu testamento: “*Entre as diversas formas e símbolos, por intermédio dos quais a fé procura expressar-se, prefiro o Credo da Missa sacerdotal e pontifical da mais ampla e audível elevação, em união com a Igreja universal de todos os ritos, todos os séculos, todas as regiões, deste ‘Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso’ até ‘e a vida do mundo que há de vir’*”.

Não deixemos o comodismo, a indiferença, o medo, a vergonha, o respeito humano ou uma falsa concepção de progresso científico e intelectual impedir-nos de confessar nossa fé. Em voz alta, juntamente com nossos irmãos em Cristo, façamo-lo alegre e corajosamente, porque o mesmo Cristo disse: “*Quem me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas quem me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus*” (Mt 10,31).

#### 4.6 Simbolismo

Enquanto o povo reza ou canta o credo, o sacerdote levanta o véu maior que cobre o cálice e a patena e o agita em cima das oferendas até “e subiu ao céu”.

São Germano de Constantinopla explica: “*o sacerdote levanta o véu descobrindo assim as oblatas para simbolizar o Anjo que revolveu a pedra que vedava a entrada do sepulcro, quando Cristo ressuscitou; e o agita para figurar o tremor de terra que houve naquela hora*”.

Este simbolismo é mais claro na Divina Liturgia pontifical: o bispo inclina a cabeça em cima do altar e dois sacerdotes agitam o véu em cima dela como se fosse Cristo no túmulo. E quando o povo diz “e ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao céu” param de agitar o véu e o bispo levanta a cabeça figurando a ressurreição de Cristo. Outros dizem que a agitação do véu simboliza a descida do Espírito Santo no cenáculo e o vento que abalou a casa onde estavam reunidos os apóstolos.

Rezemos o credo de coração alegre e cheio de gratidão, porque a graça da fé é um dom inestimável: “*A nossa fé! Eis a vitória que vence o mundo*”.

#### 4.7 Anáfora ou cânon

Elementos: 1. Diálogo de introdução; 2. Oração eucarística (Prefácio); 3. Santo; 4. Narração da última ceia e consagração; 5. Anamnese; 6. Terceira oferenda; 7. Epiclese; 8. Comemorações; 9. Conclusão: doxologia e bênção.

Com o credo termina o ofertório e logo começa a anáfora, palavra grega que significa “*elevação*”, “*oblação*”; é a parte central, a parte sacrificial por excelência da liturgia; seu correspondente no rito romano é o “*cânon*”.

Inicia-se por um diálogo solene: “*Fiquemos respeitadamente de pé...*” e acaba por uma bênção antes da preparação para a comunhão: “*E que a misericórdia de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo esteja com todos vós*”.

Na origem, a anáfora não comportava nenhum elemento variável, mas era constituída de uma oração eucarística fixa na qual enumeravam-se todos os títulos pelos quais, segundo os dados da antiga Lei, Deus tinha direito à nossa gratidão. Esta enumeração dos benefícios da Providência

terminava pelo maior deles, a encarnação do Verbo que, antes de morrer, instituiu ele próprio o sacramento da Eucaristia. Aqui se fazia a narração da última ceia.

No Ocidente, provavelmente no fim do século IV, em Roma e nas Igrejas onde sua influência se fazia logo sentir, o Cânon começou a admitir variações de acordo com as estações do ano e as festas dos santos. Como havia leituras, epístolas e evangelhos diferentes para cada dia, houve sobretudo prefácios variados para cada época do ano litúrgico: prefácios para o Natal, a Epifania, a Páscoa, etc.

No Oriente, ao contrário, conservou-se o antigo sistema de anáfora única e invariável no ano todo. O tema da anáfora, oração eucarística por excelência, é a ação de graças à Santíssima e Divina Trindade por todos os benefícios recebidos e recapitulados, de certo modo, no augusto sacrifício. Ação de graças a Deus Pai que nos deu o ser e nos chamou a uma vida eterna e bem-aventurada. Ação de graças a Deus Filho que se fez homem, como nós, para nos resgatar e que *“na noite em que se entregou a si mesmo para a salvação do mundo instituiu o grande mistério da Eucaristia; e do qual comemoramos tudo o que fez por nós: a cruz, o túmulo, a ressurreição, a ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai, a segunda e gloriosa vinda”*. Ação de graças a Deus Espírito Santo, implorando sua descida sobre o pão e o vinho para consagrá-los e sobre os fiéis, sobretudo os comungantes, para santificá-los. É a epiclese – invocação do Espírito Santo.

A anáfora inicia-se por um diálogo solene, cuja presença, com algumas variantes, em todas as liturgias cristãs, sem exceção alguma, mostra bem a sua antiguidade e importância: representa com o “amém” final, o testemunho de que toda a assembleia está incorporada na oração por excelência, a Eucaristia. O sacerdote começa com a seguinte recomendação: *“Fiquemos respeitosamente de pé, fiquemos de pé com temor; sejamos atentos para oferecer em paz a santa oblação”*. Fiquemos, como convém ao homem diante de Deus, com respeito e temor, mas também com a coragem e dignidade espiritual que honra a Deus e nos honra; com a união dos corações, restabelecida pela paz mútua, sem a qual não é possível elevar-se até Deus. Como resposta a este convite, a assembleia inteira, trazendo em sacrifício o louvor de seus lábios e o amor de seu coração, diz: *“A misericórdia de paz, o sacrifício de louvor”*.

Insiste-se de novo na necessidade da paz antes da realização do mistério eucarístico. A esse respeito, disse São João Crisóstomo, na terceira homilia sobre a Epístola de São Paulo aos Colossenses: *“O presidente da assembleia, entrando na igreja, diz logo: ‘Paz a todos’ abençoando, diz: ‘Paz a todos’; quando prega a hora do ósculo, diz: ‘Paz a todos’; no fim do sacrifício, nas igrejas, nas procissões, nas conversas, diz: ‘Paz a todos’, uma, duas, três vezes e mais... Da doce boca de Jesus não saía senão a palavra “PAZ”: “Eu vos deixo a paz. Eu vos dou a minha paz”*. Não basta que estejamos em paz, mas o sacrifício, a oferenda que devemos oferecer é a própria paz não somente entre os homens, mas sobretudo com Deus.

Em seguida, o sacerdote saúda o povo com uma fórmula tirada do Apóstolo Paulo (2Cor 13,13): *“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós”*.

Ao Pai atribui-se o amor, a caridade, porque, diz São João (1Jo 4,8): *“Deus é Amor”*. A caridade de Deus para conosco manifestou-se em ter enviado ao mundo o seu Filho Unigênito, a fim de que por ele possamos viver. Esta caridade consiste nisto: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que primeiro nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

A graça relaciona-se com o Filho, segundo estas palavras de São Paulo (Rm 5): *“Se pelo pecado de um (Adão) morreram muitos, muito mais abundantes se derramou sobre muitos a graça e o dom de Deus, pela graça de um só homem, Jesus Cristo”*. São João, falando do Verbo (Jo 1,14), diz: *“Nós vimos a sua glória, glória do Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade... Todos nós recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Porque a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”*.

Do Espírito Santo deseja-se a sua comunhão, a sua descida em nós, como desceu sobre os discípulos reunidos no cenáculo em forma de línguas de fogo: *“Eu derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, diz o Senhor”* (At 2,17). São Paulo diz aos Coríntios (1Cor 6,19): *“Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós e que recebestes de Deus?”*

Estas manifestações externas, mesmo atribuídas separadamente a cada uma das três pessoas divinas, são de todas elas juntas, porque as três pessoas são um só Deus.

Retribuída a saudação pelos fiéis com a fórmula “*e teu Espírito*”, o sacerdote exorta-os a “*eleva os corações ao alto*” e eles respondem “*nós os temos para o Senhor*”.

Antes do ofertório, fomos já convidados a deixar de lado toda preocupação temporal para poder acolher o Rei do universo. Agora que este Rei está prestes a descer do céu para ser imolado misticamente por nós, sobre o altar, esqueçamos tudo da terra e elevemos nossos corações para junto de nosso tesouro, Cristo nosso Salvador. “*Que ninguém*”, dizia São Cirilo de Jerusalém, “*esteja aqui de modo a dizer de boca: ‘temos o coração para o Senhor’, enquanto seu espírito é tornado para as solitudes deste mundo. Sem dúvida, devemos pensar em Deus em todo momento. E se isto é impossível à fraqueza humana, procuremos fazê-lo, pelo menos, com mais concentração e intensidade durante o sacrifício do altar*”.

#### 4.8 “É digno e justo”

A exemplo do Salvador, que na Última Ceia, antes de partir o pão e benzer o cálice, “*deu graças*”, o sacerdote conclama os fiéis a darem graças ao Senhor, em grego, *eucaristicomen to Kyrio*, de onde derivou a palavra “Eucaristia”.

A assembleia reconhece logo e proclama que isto é digno e justo. Cumprindo o que pediu que os fiéis fizessem, em silêncio, o sacerdote dá graças a Deus Pai em nome do povo, “*por todos os benefícios conhecidos e ignorados, manifestos e ocultos*”, recebidos da sua bondade, sobretudo pelo envio de seu Filho Unigênito que, enquanto esteve entre nós, tudo fez para nos levar ao céu a fim de participarmos de seu reino futuro. Agradece-lhe, também, a condescendência de aceitar das nossas mãos o sacrifício que vai oferecer, apesar de ter a seu serviço milhares de arcanjos e miríades de anjos, os Querubins e os Serafins. Em voz alta: “*Cantando o hino da vitória, clamando, bradando e dizendo*” o povo, completando a frase do celebrante, canta: “*Santo, Santo, Santo...*” Convém ressaltar a perfeita união, o íntimo entrosamento dos fiéis com o sacerdote nos mesmos sentimentos e convicções ao ponto de espontaneamente e com ânimo completarem o que ele lhes sugere.

O “Santo” é um hino que define o que o profeta Isaías ouviu no céu: os anjos a cantarem quando da visão em que Deus o chamou para desempenhar sua função de profeta (Is 6,3) e o que as crianças e os filhos dos hebreus gritaram no dia da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém: “*bendito seja o que vem em nome do Senhor*”. Neste hino, o céu e a terra se unem para louvar o Cristo, prestes a descer do céu, para se imolar misticamente na terra; o céu o acompanha, descendo, cercado pelos exércitos celestes, cantando: “*Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos exércitos; o céu e a terra estão cheios de vossa glória*”. A terra o recebe clamando: “*bendito seja o que vem em nome do Senhor*”.

Nenhum texto sublinha tão bem quanto o “Santo” que a Divina Liturgia é, antes de tudo, “o sacrifício de louvor”. O que oferecemos a Deus, com Cristo, não são as nossas obras terrenas às quais pudéssemos atribuir um valor próprio e, sim, o louvor, pelo qual mergulhamos na adoração da divina majestade, una e trina, esquecendo-nos de nós mesmos e da nossa vida perecível, somente para exaltar a glória de Deus do qual o céu e a terra estão cheios.

Os quatro verbos usados pelo sacerdote no “*ecfônema*”, que introduz o hino do “Santo”, “*cantando, clamando, bradando e dizendo*”, lembram, segundo São Germano, os “quatro seres vivos” descritos por Ezequiel na sua profecia por São João Evangelista, no Apocalipse. Tinham cada um, além das seis asas e dos múltiplos olhos, a face de uma águia, de um boi, de um leão e de um homem, e não cessavam de clamar dia e noite aquele que estava sentado no trono: “*Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus...*” (Ap 4,8). Cada verbo exprimia o som de voz próprio a cada um desses seres.

Nesse momento, o sacerdote tira o asterisco em forma de abóbada que cobre a patena e que ali foi colocado no momento da preparação das oblatas para lembrar a estrela dos magos que parou em cima do lugar onde estava o menino recém-nascido. Faz com ele o sinal da cruz em cima da patena, beija-o e o coloca de lado.

Após o “Santo” seguiam, no Rito Romano, quatro orações de intercessão. Da ação de graças, a oração do celebrante passava à petição. No rito bizantino, o que corresponde a estas orações se reza depois da consagração e da epiclese: comemorações dos santos, dos mortos, dos vivos e da hierarquia eclesiástica. Esta ordem foi adotada na nova liturgia romana.

Continuando a dar graças, o sacerdote faz a narração da instituição da Eucaristia, na Última Ceia, de modo que as palavras da consagração são apresentadas como sendo ditas pelo próprio Senhor Jesus. Convém ressaltar a maneira com que as palavras sagradas do Salvador são postas em relevo: o sacerdote, que até este momento havia orado em silêncio, levanta a voz, canta a consagração em meio ao recolhimento atento da assembleia. Em certos ritos, o parentesco dos idiomas (o siríaco e o árabe são da mesma família linguística que o aramaico) permite ouvir estas palavras numa forma análoga àquela em que historicamente foram pronunciadas.

Em todos os ritos orientais, depois de cada fórmula consagratória, a assembleia unida clama “amém”, proclamando assim a sua fé na transubstanciação que acaba de se realizar. Dizendo “amém”, renovamos a nossa fé e agradecemos o grande milagre de amor que, pelas palavras pronunciadas por um homem fraco como nós, transforma o pão e o vinho no corpo e sangue do homem-Deus que, todos os dias, há 20 séculos, se oferece em sacrifício por nós sobre os nossos altares.

#### 4.9 Anamnese

A “anamnese”, recordação, é uma oração silenciosa que segue a consagração e pela qual se lembra o Senhor e seus mistérios, conforme o mandamento que ele mesmo nos deu ao instituir a Eucaristia: “*Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22,19).

Em todas as liturgias, a narrativa da instituição e a “anamnese” são duas coisas inteiramente ligadas: o objetivo da assembleia não é realmente fazer a memória do Senhor, num rito que o torna presente a ele e aos seus mistérios? Apoiada nas próprias palavras do Salvador, a Igreja proclama solenemente a realização destes mistérios. Na Liturgia de São Basílio, a anamnese é mais explícita do que na de São João Crisóstomo, pois começa por reproduzir o próprio mandamento do Senhor: “*Fazei isto em memória de mim. Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a minha morte, e confessareis a minha ressurreição*” (1Cor 11,26), para em seguida acrescentar: “*lembrando-nos, pois, deste mandamento do Senhor e de tudo o que se realizou por nós*”, e imediatamente enumeram-se os mistérios redentores: a morte na cruz, a sepultura, a ressurreição, a ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai e a segunda e gloriosa vinda.

Em razão destes mistérios redentores tornados presentes, a Igreja pode oferecer ao Pai, como proveniente de seus dons mais preciosos “a vítima espiritual”, como diz a Liturgia de São João Crisóstomo, ou “o sacrifício perfeito e santo”, segundo as expressões do novo cânon romano. Nesse momento, o sacerdote eleva o cálice e a patena formando com eles uma cruz em cima do altar e diz em voz alta: “*O que é vosso do que é vosso, nós vos oferecemos em tudo e por tudo*”, querendo dizer com isto que Jesus Cristo presente no cálice e na patena é, ao mesmo tempo, quem oferece, quem é oferecido e quem recebe a oferenda. Ou seja: é a vítima e o sacrificador que a oferece por todos, em nome de todos e nas intenções de todos; o que é vosso, isto é, o Corpo e o Sangue de vosso Filho; do que é vosso, isto é, do pão e do vinho; nós vos oferecemos em tudo, isto é, em nome de todas as vossas criaturas; e por tudo, isto é, nas intenções de todas as vossas criaturas.

Na oração do ofertório feita em silêncio, o sacerdote tinha já expressado este mesmo pensamento: “*Aceitai, Senhor, que estes dons vos sejam oferecidos por mim, vosso servo pecador e indigno; pois sois vós quem ofereceis e sois oferecido, quem recebeis e sois distribuído, ó Cristo, nosso Deus*”. Esta fórmula foi gravada em volta do altar que o Imperador Justiniano colocou na sua basílica de Santa Sofia: “*Ó Cristo, vossos servos Justiniano e Teodora, vos oferecem vossos dons de vossos próprios dons*”. A resposta do coro dirige-se à Santíssima Trindade e foi assim comentada por São Germano de Constantinopla: “*Nós vos louvamos, ó Pai, vos bendizemos, ó Filho, vos rendemos graças, ó Espírito Santo; e vos suplicamos, ó Trindade Santa, nosso Deus*”.

#### 4.10 Epiclese

A epiclese, tal como se encontra na Liturgia bizantina e em todas as demais liturgias orientais, *é uma invocação a Deus Pai para que envie seu Espírito Santo a fim de que este Espírito Santo transforme os dons e que estes dons santifiquem os fiéis que os receberão*. O lugar normal da epiclese após a anamnese pela qual o sacerdote lembra os mistérios redentores do Salvador: paixão, morte, ressurreição e ascensão ao céu. Este último mistério leva naturalmente a recordar o Pentecostes, com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos e sua ação invisível nas almas por meio dos sacramentos instituídos por Cristo.

Por outro lado, na oração eucarística, o sacerdote dirigiu-se a Deus Pai, a quem o sacrifício é oferecido; quanto ao Filho, ele se ofereceu em vítima a seu Pai, renovando, pela boca do celebrante, o mistério da última ceia que tomou com seus discípulos; resta o Espírito Santo, cuja intervenção se invoca, na epiclese, para completar este mistério, transformando as oblatas e por elas santificando os fiéis.

Aliás, o Espírito Santo manifesta-se sempre com o Filho e completa sua obra. No dia da anunciação, desceu sobre Maria e fez o Filho se encarnar no seio da Virgem. No batismo de Cristo, desceu sobre ele em forma de pomba e, com sua descida, ouviu-se a voz do Pai credenciando o Filho para sua missão: *“Este é meu Filho muito amado em quem pus as minhas complacências”*. No dia de Pentecostes, desceu em forma de línguas de fogo sobre os discípulos reunidos no cenáculo e completou a obra do Filho na fundação da sua Igreja.

Em todos os sacramentos destaca-se a ação a ele atribuída: no Batismo, somos regenerados pela água e pelo Espírito Santo; na Confirmação, recebemos o “Selo do dom do Espírito Santo”; na Ordem, o Bispo pede a Deus que encha o futuro sacerdote da grande graça de seu Espírito Santo; na Penitência, o confessor absolve em virtude do poder recebido do Salvador, quando, depois da sua ressurreição, soprou sobre os Apóstolos e lhes disse: *“Recebei o Espírito Santo. Os pecados serão perdoados àqueles a quem os perdoardes e serão retidos àqueles a quem os retiverdes”* (Jo 20,22); no Matrimônio, é a graça do Espírito Santo que une os nubentes por um vínculo de amor que só a morte pode desatar; na Unção dos Enfermos, o doente é ungido com o óleo santificado pelo Espírito Santo, enviado pelo Pai; na Eucaristia, sua ação não é menor: é ele que, por sua descida sobre os dons sagrados, os torna fonte de graça e de divinização, santificação. Por isso, as palavras da Consagração não se devem separar da invocação ao Espírito Santo.

A Igreja ortodoxa, baseada em certos textos dos Santos Padres, afirma que a transubstanciação se efetua pela epiclese e não pela consagração. Para reforçar a importância da primeira, acrescentou, no século XIII, logo após a consagração, o “troparion” ao Espírito Santo: *“Senhor, que na hora terça enviastes...”* que se reza habitualmente durante a Quaresma, na terceira hora do ofício.

Eis como Paul Evdokimov resume a doutrina da Igreja ortodoxa a esse respeito. Antes da epiclese propriamente dita: *“Enviai o vosso Espírito Santo sobre nós e sobre estes dons aqui presentes... transformando-os pelo vosso Espírito Santo”*, a liturgia apresenta, desde o início, epicleses próprias, elevando-se gradualmente até a palavra final. Com efeito, a “Protese” começa pela oração: *“Rei Celeste, consolador, Espírito da verdade... vinde e habitai em vós”*. A mesma oração está no limiar da liturgia dos catecúmenos. A oração sobre os fiéis chama *“a graça do Espírito Santo sobre os dons que vão ser oferecidos”*, e a oração do Ofertório: *“Que o bom Espírito de vossa graça desça sobre nós, sobre estes dons oferecidos e sobre todo o vosso povo”*. Assim, é impossível isolar o instante preciso no qual se opera a transformação, pois todo o cânon eucarístico, pode-se dizer, toda a liturgia, desde a “Protese”, representa um só ato que termina na epiclese. Não se pode fixar senão o momento após o qual o sacramento é considerado como cumprido: *“Eis consumado e cumprido, segundo nosso poder, ó Cristo, nosso Deus, o mistério de vossa Economia... vimos a verdadeira Luz...”*

## 4.11 Comemorações

O sacerdote, que invocou o Espírito Santo, pedindo-lhe que a participação no sacrifício não seja para os comungantes causa de condenação, faz a comemoração dos santos, que por ele foram santificados, e pede que, pela sua intercessão, este mesmo Espírito Santo olhe para nós e santifique nossas almas. Consumado o sacrifício, o celebrante, vendo o Cordeiro de Deus diante de si em cima do altar, prova a garantia do amor divino para conosco e torna-se seu mediador. Animado pela presença amiga deste todo poderoso advogado, apresenta a Deus suas petições e dirige suas preces com maior e mais firme esperança. Renova diante dos agradáveis divinos mistérios o seu pedido para que as intenções comemoradas na preparação das oblatas e pelas quais orou no momento do ofertório, sejam atendidas.

A oblação do sacrifício, porém, não é somente impetrante, mas também eucarística. Por isso, como no início da Liturgia, quando ofereceu a Deus as oferendas, o sacerdote exprimiu ao mesmo tempo a ação de graças e a súplica, assim também, agora, diante das mesmas oferendas já santificadas e consagradas, por meio delas dá graças e impetra súplicas, expondo os motivos e os objetos de umas e outras. Para a Igreja, são os santos que constituem os motivos de sua gratidão para agradecer a Deus por ter-lhe dado filhos santos pelos quais ela oferece este sacrifício espiritual; sua gratidão se manifesta, especialmente e acima de tudo, em honra da bem-aventurada Mãe de Deus, a “Theotokos”, cuja santidade, por um privilégio todo especial, ultrapassa toda outra santidade criada. Isso demonstra que as orações referentes aos santos não são de petição, mas de ação de graças, e a presença de Maria no meio deles é bem destacada; ao contrário de todos os outros santos, profetas, apóstolos, pregadores, evangelistas, mártires, sua comemoração se faz em voz alta e com a participação da assembleia: “*Especialmente a nossa Santíssima, puríssima, bendita e gloriosa Senhora Mãe de Deus e sempre Virgem Maria*”. Ela está acima de toda mediação, não somente humana, mas até dos anjos, sendo incomparavelmente mais santa que os mais santos espíritos puros.

Para realçar ainda mais o lugar de Maria na hierarquia dos dons divinos e para melhor indicar suas grandezas e suas perfeições, o coro ou a assembleia, ao ouvir o nome da Mãe de Deus, enlevado pela alegria, canta-lhe um hino de louvor, chamado “hirmos”. Na Liturgia de São João Crisóstomo, este “hirmos” é o “axion estin”, as duas primeiras palavras, é “verdadeiramente justo”. Na Liturgia de São Basílio, o “epi-si-cheire”, ó cheia de graça. Nas grandes festas do Senhor e da Virgem, o “megalinarion”.

Estes hinos exaltam de tal modo a Mãe de Deus, a “Theotokos”, que só eles bastariam para formar uma soma teológica “marial” de elevada poesia. Podemos comprovar isto lendo e meditando esses “hirmos” no “liturgicon”, na parte referente às festas, fixas e móveis.

O “axion estin” é composto de duas partes. A primeira parte: “*É verdadeiramente justo glorificar-vos ó Mãe de Deus, que sois bem-aventurada para sempre, isenta de todo pecado e Mãe de nosso Deus*”, é objeto de uma bela lenda (ver narrativa abaixo). A segunda parte: “*Sois mais venerável que os Querubins, incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins. Vós que gerastes o Verbo Deus, sem deixar de ser virgem; a vós que sois realmente Mãe de Deus, nós vos exaltamos*”; é um “troparion”, que serve de antífona para ser intercalada (no ofício de Orthros-Laudes), entre os versículos do canto da Virgem (o Magnificat – minha alma engrandece o Senhor).

A lenda a respeito da primeira parte leva-nos à Grécia, ao Monte Atos, a Santa Montanha, onde, desde o século X, florescem inúmeros mosteiros e eremitérios. Num destes eremitérios, dedicado à Assunção da Virgem, vivia retirado do mundo e do convívio com os outros monges um eremita de grande virtude, com um jovem discípulo. Um dia, o velho monge disse a seu filho espiritual: “Hoje quero ir assistir ao ofício de Vésperas no Grande Mosteiro. Fica aqui e reza o ofício sozinho, como pudeses”. Chegada a noite, o jovem noviço ouve bater à porta. Era um venerável ancião, revestido do hábito monacal, que pedia hospitalidade para a noite. Na hora do Orthros, Ofício da Aurora, Laudes, o jovem e seu hóspede foram cantar o Ofício. Quando chegaram ao canto da Virgem, o jovem cantou, depois do primeiro versículo, a antífona: “Sois mais venerável que os Querubins...”, como era costume, na Santa Montanha. Mas, depois dos outros versículos, o

hóspede cantou, antes da antífona habitual, a primeira parte do “axion estin” – “é verdadeiramente justo”... Surpreso, o jovem disse ao hóspede: “Aqui nós cantamos somente a segunda parte. Nunca, nem nós, nem nossos pais, tivemos conhecimento da primeira. Por favor, escreve para mim estas belas palavras para que possa eu também cantá-las. E como não havia nem papel, nem tinta, apresentou-lhe a tábua para escrever. O hóspede marcou nela com o dedo o que acabava de cantar e disse: “*É assim que doravante, vós e todos os ortodoxos cantareis este hino*”. E logo desapareceu. Qual não foi o espanto do jovem ao constatar que as letras estavam gravadas, na tábua, como se fosse numa cera mole. O hóspede, misterioso, só podia ser o mensageiro da Anunciação, o Arcanjo Gabriel.

O acontecimento, acrescenta a lenda, foi logo contado ao velho monge, que o levou ao conhecimento dos anciãos do mosteiro vizinho. Sem demora, a tábua foi enviada ao patriarca de Constantinopla, o qual ordenou que, em todas as igrejas, o “axion estin” fosse cantado como foi gravado pelo hóspede misterioso.

Frequentemente, nas paróquias, enquanto o sacerdote faz a comemoração da Mãe de Deus, incensando o altar, um dos acólitos apresenta-lhe uma bandeja contendo os pedaços de pão que sobraram da preparação do sacrifício e que serão distribuídos aos fiéis, no fim da liturgia. O sacerdote os incensa e benze. Estes pedaços são chamados “eulogias” ou “antidona”. Em certas igrejas, essa bênção se dá juntamente com a bênção que conclui a anáfora: “*E que a misericórdia de nosso Grande Deus e Salvador Jesus Cristo esteja com todos vós*”.

Após a comemoração, em voz alta, da “Theotokos”, o sacerdote faz memória, em voz baixa, dos mortos e dos vivos, levantando a voz de novo para a comemoração da hierarquia eclesiástica, ou “os dípticos”.

#### 4.12 Dípticos

Palavra grega composta de *dis*, duas vezes, e *ptix*, folha, tábua para escrever; dípticos: dobrado em dois, duplo.

Na antiguidade pagã, os antigos chamavam dípticos as duas tábuas de madeira, metal ou marfim, unidas e recobertas de cera no interior, de maneira a permitir tomar notas com um estilete. Na Grécia e na Itália antigas, os magistrados, governadores e os grandes do Estado usavam os dípticos para neles inscreverem o seu nome e a data da sua nomeação ou eleição e os distribuíam aos amigos como lembrança. Muitas vezes, a parte externa era enfeitada com desenhos ou esculturas.

Na antiguidade cristã, os primeiros cristãos adotaram essa antiga praxe e serviram-se dos dípticos para neles inscreverem os nomes dos mártires, dos pontífices, dos reis, dos benfeitores, dos catecúmenos, das visitas que queriam mencionar publicamente na liturgia para que a assembleia rezasse por eles quando o diácono ou o bispo lia os seus nomes.

O uso dos dípticos correspondia à preocupação muito humana das intenções particulares, que sempre tiveram lugar na oração cristã. Lembremo-nos de que o mártir São Policarpo rogou aos soldados, quando o vieram prender, que o deixassem acabar a oração, na qual enumerava todos os que havia conhecido durante a sua longa vida de nonagenário: “pequenos e grandes, ilustres e anônimos e toda a Igreja universal espalhada pela face da terra”...; e durante duas horas os soldados não ousaram interrompê-lo (cf. *Igreja em oração*, p. 432).

Nos dípticos eram escritos três grupos de nomes: os santos, os mortos e os vivos, que o diácono lia em voz alta, ora de perto do altar, ora de cima do ambão (estrado). A lista dos vivos compreendia, entre outros e, sobretudo, os papas e patriarcas unidos pela uniformidade da fé e pelo vínculo da caridade, que se nomeavam mutuamente na liturgia. Os dípticos eram, pois, uma das três maneiras pelas quais se manifestava a comunhão entre os cinco grandes patriarcas da Igreja, a saber: o de Roma (o papa), de Constantinopla, de Alexandria, de Antioquia e de Jerusalém. As duas outras eram as cartas sinódicas e os “apocrisarios”.

Quando um patriarca era eleito, enviava aos quatro outros, com as comunicações da sua eleição, a sua profissão de fé: era a carta sinódica. Respondendo-lhe, os outros demonstravam que reconheciam a legitimidade de sua eleição e o aceitavam em sua comunhão. Seu nome passava,

então, a ser citado na Divina Liturgia, no momento das comemorações dos vivos: era inscrito nos dípticos. O cancelamento do nome nos dípticos significava a ruptura dessa comunhão.

A extensão das enumerações, variável segundo as Igrejas e as circunstâncias locais, fez, sem dúvida, cair pouco a pouco em desuso essa leitura pública. Atualmente, quase todas estas comemorações são feitas em voz baixa pelo celebrante. O povo, porém, participa um pouco nelas por duas vezes: a primeira cantando o “hirmos” “axion estin” à Virgem Maria, quando da comemoração em voz alta da Mãe de Deus, como vimos acima. A segunda, quando da comemoração da hierarquia eclesiástica. Nesta, o celebrante faz em voz alta a memória do papa, do patriarca e do ordinário da diocese (bispo ou arcebispo); e, na Liturgia de São Basílio, o diácono faz também memória do sacerdote celebrante: “Lembrai-vos, Senhor, em primeiro lugar de B e A...” O povo responde: “E de todos e de todas”, isto é, lembrai-vos, Senhor, de todos os que estão sendo mencionados e de todas as intenções pelas quais cada um de nós está rezando.

Unamo-nos ao celebrante para rezar por nossos mortos que “adormeceram com a esperança na ressurreição, pedindo para eles “o descanso onde brilha a luz da face do Senhor”. Oremos também, seguindo a recomendação de São Paulo a seu discípulo Timóteo (1Tm 2,1-4): *“por todos os homens: pelos governantes e por todos os que ocupam cargos elevados, a fim de que, gozando da sua paz, possamos viver uma vida sossegada e tranquila, em toda piedade e honestidade. Porque, acrescenta o apóstolo, isto é bom e agradável a Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”*.

Em seguida, o sacerdote conclui a anáfora por uma doxologia trinitária particularmente solene, pela qual pede, ao mesmo tempo, a união de todos para a glorificação do santo nome de Deus. *“E concedei-nos que, numa só voz e num só coração, glorifiquemos e celebremos vosso nome venerável e magnífico, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos”*. Pelo “amém”, a assembleia reforça o pedido do celebrante para que, na Igreja, não haja senão *“uma só fé e um só batismo”*, como não há senão *“um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que se entregou como resgate por todos”* (1Tm 2,5).

#### **4.13 Preparação para a comunhão**

Toda a parte da liturgia que se desenrola depois da anáfora até os atos manuais simbólicos da elevação, fração e “imissão”, inclusive o Pai Nosso, é considerada como preparação para a comunhão. Uma pequena “ectenia” a introduz e um “ecfonema” concluindo a “oração da inclinação” a termina. Entre a “ectenia” e o Pai Nosso foi mais tarde intercalada a repetição da “eticis” que fora dita após o ofertório.

Numerosos são os testemunhos que, desde o fim do século IV, assinalam a recitação do Pai Nosso, entre anáfora e a comunhão. Por causa da importância e da grande dignidade desta oração, precede-a, em todas as liturgias, uma introdução pela qual se pede a Deus que nos torne dignos de ousar rezá-la, pois não é pouca coisa poder chamar o Criador de Pai.

Os fiéis manifestaram já “a unidade na fé”, recitando o credo; responderam ao apelo “amemo-nos uns aos outros” pelo ósculo da paz. Assim, todos podem agora, com uma última confiança, ter a “audácia” de confessar sua divina filiação de filhos do Pai.

Pode ser considerado o Pai Nosso como uma preparação comum, essencial e perfeita, para a comunhão por vários motivos: 1º - Porque o Pai Nosso é a oração dominical, isto é, a oração do Senhor: o próprio Mestre a ensinou a seus discípulos quando estes lhe pediram: *“Senhor, ensinai-nos a rezar, assim como João ensinou a seus discípulos”* (Mt 6,9 e Lc 11,2). 2º - Porque o quarto pedido – *“o pão nosso de cada dia nos dai hoje”* – entende-se como se referindo não somente ao pão material, alimento de nosso corpo, mas também e sobretudo ao *“pão vivo que desce do céu, para que não morra quem dele se alimentar, mas viva eternamente”* (Jo 6,50), alimento de nossa alma, ao pão eucarístico. 3º - Porque, não podendo Deus aceitar o sacrifício daquele que não está reconciliado com seu irmão – *“se estás diante do altar, e aí te recordares que teu irmão tem algum motivo de queixa contra ti... vai reconciliar-te primeiro com teu irmão”* – o Pai Nosso faz-nos proclamar que *“perdoamos a quem nos tem ofendido”*. 4º - Porque o pedido ligado com esta

reconciliação – “*perdoai-nos as nossas ofensas*” – constitui uma purificação imediata de corações, desempenhando melhor o papel que tomaram em seguida neste lugar certas fórmulas de contrição.

Rezando o Pai Nosso, falamos com Deus como os filhos falam com seu pai, porque, conforme diz São Paulo, aos Efésios (2,18), por Cristo que, na sua carne, destruiu as partes da separação entre nós e Deus e as inimizades, recebemos, no batismo, o Espírito Santo no qual temos acesso ao Pai. E então não somos mais hóspedes nem estranhos, mas concidadãos dos santos, filhos e membros da família de Deus.

#### 4.14 Oração da inclinação

O Pai Nosso não se conclui pelo “amém”, mas por uma doxologia de louvor à Santíssima Trindade a quem pertence o reino, o poder e a glória pelos séculos.

Em seguida, mais uma vez o sacerdote deseja a paz a todos os fiéis presentes no templo e os convida a inclinar a cabeça ante o Senhor, em sinal de humilde respeito, de entrega e abandono nas mãos de Deus. Por mais forte que seja nossa confiança nele, visto que nos autorizou a chamá-lo de Pai; por mais filial que seja nossa intimidade com ele, não devemos nunca esquecer nossa condição de criaturas e de criaturas pecadoras.

A própria Virgem Maria que Deus elevou à mais alta dignidade que um ser humano pode alcançar, “sendo a Mãe de Deus”, nunca deixou de se proclamar sua serva. “*Voltou seus olhos, disse ela em seu Magnificat, para a baixeza de sua serva*”. Nós, a exemplo de Maria, após ter chamado Deus de Pai, inclinamos humildemente nossas cabeças diante dele e renovamos nossos protestos de submissão e acatamento de seus desígnios insondáveis. Enquanto isso, pela oração silenciosa da inclinação, o sacerdote lembra ao Senhor que ele é o Criador todo-poderoso que tirou todas as coisas do nada para a existência e pede-lhe que “*olhe do alto da sua morada santa para os que inclinaram suas cabeças diante dele, porque não as inclinaram diante da carne e sangue, mas diante dele, o Deus temível; e que repartisse os dons sagrados que estão em cima do altar, entre nós todos, para o bem de cada um, segundo as suas necessidades particulares, movido pela misericórdia de seu Filho Unigênito e por seu amor pelos homens...*”

#### 4.15 Atos manuais simbólicos

Após a inclinação das cabeças e a respectiva oração, o sacerdote conclama os fiéis a “ficarem atentos” como para ouvir e ver algo importante que está para acontecer e logo cumpre os atos manuais simbólicos. Dá-se essa definição a três atos: elevação, fração e mistura dos dons sagrados feitos pelo celebrante para manifestar de modo mais expressivo a imolação de Cristo e a unidade de seu sacrifício, realizado sob a dupla espécie do pão e do vinho.

**Elevação:** o celebrante, segurando com dois dedos da mão direita o “cordeiro”, isto é, a hóstia grande, eleva-a em cima da patena, bem à vista do povo, fazendo com ela uma cruz vertical e dizendo em voz alta: “*As coisas santas aos santos*”. Esta fórmula, que estava já em uso no século IV, significa que os dons sagrados que estão em cima do altar são santos, pois são o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e, portanto, só podem ser recebidos pelos santos, isto é, pelos cristãos que têm a consciência pura, conforme diz São Paulo: “*Examine-se, pois, o homem, e assim coma deste pão e beba do cálice: porque quem come e bebe indignamente, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação*” (1Cor 11,28).

A assembleia, impressionada por estas palavras, clama: “*Um só Santo, um só Senhor, Jesus Cristo, para a glória de Deus Pai. Amém*”; como para dizer que, nenhum homem, exceto o “homem Jesus Cristo”, pode alcançar por suas próprias forças a santidade que glorifica o Pai. Eis por que, ainda que pecadores, mas com fome e sede de justiça, ousamos com a graça de nosso Salvador e Senhor, aproximar-nos para receber seu corpo e seu sangue, fonte de santidade.

A elevação do Cordeiro se faz para significar que Jesus Cristo é Rei, Senhor e Chefe; e que Deus “*o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos; e toda língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na Glória de Deus Pai*” (Fl 2,9).

**Fração:** em seguida, o sacerdote parte o cordeiro em quatro partes, segundo os cortes preparados já na “Protese”, dizendo em silêncio: *“É partido e fracionado o Cordeiro de Deus, que é partido sem ser dividido, que é sempre comido e nunca consumido, mas santifica os que o recebem”*. A fração não tem por finalidade somente partir o pão consagrado em partículas e facilitar, assim, a comunhão, mas tem o sentido simbólico de lembrar que Cristo partiu o pão antes de dá-lo a seus discípulos na última ceia, figurando a entrega de si mesmo por nós em sua paixão: *“Comei, isto é o meu corpo que é partido por vós, para a remissão dos pecados”*.

Os primeiros cristãos davam-lhe tanta importância que a “fração do pão” designava a própria celebração eucarística (cf. At 2,46; 1Cor 10,16). As palavras pronunciadas quando da fração do Cordeiro significam que Cristo é o mesmo ontem, hoje e pelos séculos. Ainda que seu Corpo seja partido todo dia nos altares, não é dividido e não padece mais, de modo que os que o recebem na comunhão, o recebem inteiro em cada partícula.

A fração da hóstia existe em todas as liturgias. Atualmente, parte-se somente a hóstia do celebrante; as que se destinam à comunhão dos fiéis, ou são partidas com antecedência na “Protese” ou são mesmo pré-fabricadas. Antigamente, em Roma, a fração era um ato importante: os bispos, sacerdotes, diáconos partiam todos os pães consagrados com vista à comunhão dos fiéis, enquanto se cantava o “Agnus Dei”.

Num “Ordo Romano” antigo, do século VIII, consta o seguinte a respeito da fração da hóstia, na Missa Papal: o papa eleva o cordeiro e o primeiro diácono eleva o cálice; depois, o papa parte o cordeiro e distribui as partículas aos servidores do templo que as levam aos sacerdotes das paróquias. E quando estes celebram em suas igrejas, deixam cair a partícula no cálice antes da comunhão, em sinal de unidade de fé e de sacrifício. Em seguida, o papa dá o ósculo da paz ao primeiro diácono e este ao primeiro bispo. Depois, distribui-se a cada bispo e sacerdote presentes uma partícula do cordeiro que ele guarda dentro de um lenço de linho, para, quando celebrar, misturá-la com o vinho consagrado no cálice.

Consignação e “imisção”, persignação e mistura: das quatro partes do Cordeiro partido, colocadas na patena em forma de cruz, o sacerdote tira a parte superior, na qual está marcado o monograma de Jesus (formado da primeira e pela última letra IX); faz com ela uma cruz em cima do cálice (consignação) e deixa-a cair nele (“imisção” ou mistura) dizendo: *“A plenitude da fé do Espírito Santo”*, simbolizando, assim, a unidade do sacrifício sob as duas espécies. A mistura, precedida da consignação do cálice, refere-se, sem dúvida, à comunhão. Simboliza também a união do corpo e do sangue de Jesus Cristo, quando da sua Ressurreição, efetuada de certo modo no altar.

#### **4.16 Água quente ou “zeon”**

“Zeon” significa vaso contendo água quente ou a própria água quente da qual o sacerdote, com uma colherzinha, despeja umas gotas no cálice.

Seu uso na Divina Liturgia tem várias explicações: uma delas, inspirada nas palavras do sacerdote benzendo a água: “Bendito seja o fervor de vossos santos, a todo momento...” e, despejando-a no cálice: “O fervor da fé, cheio do Espírito Santo. Amém”, é a seguinte: simboliza a fé ardente que devemos ter na presença de Jesus Cristo, Deus e homem, no cálice, e o santo fervor com que devemos, a exemplo dos santos, nos unir a Cristo, pela comunhão.

#### **4.17 Comunhão**

“Quinonicon” – canto da comunhão: durante os atos manuais simbólicos e a comunhão do celebrante, o coro executa lentamente a piedosa melodia do “quinonicon” (ou canto da comunhão): o tema desta melodia é um versículo tirado da Sagrada Escritura, e variando segundo os dias da semana e as grandes festas. Constata-se nele uma visível adaptação ao mistério ou ao santo do dia.

No rito bizantino, a cada dia da semana, liga-se a comemoração de um mistério particular, de um santo ou de um grupo de santos. Assim, domingo é consagrado à comemoração da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo; segunda-feira, aos Santos Anjos; terça-feira, a São João Batista, o Precursor; quarta-feira e sexta-feira, ao mistério da Santa Cruz; quinta-feira, aos Santos Apóstolos,

Taumatúrgos e Bispos (especialmente São Nicolau); sábado, aos Confessores, mártires, todos os Santos e defuntos. Quanto à Virgem Maria, longe de ser esquecida, é comemorada todos os dias, a todos os Ofícios, e particularmente domingo, quarta e sexta-feira, em razão da sua participação no mistério da Redenção (cf. *Litúrgica*, p. 37).

#### 4.18 Comunhão do celebrante

Enquanto o coro canta o “quinonicon”, o sacerdote e o diácono recitam individualmente as orações preparatórias à comunhão, que são de grande beleza e servem também para os fiéis.

Em todos os ritos, o celebrante, bispo ou sacerdote, é o primeiro a comungar. A comunhão do celebrante no Precioso Sangue, distinta da Comunhão do Corpo de Cristo, foi sempre considerada como indispensável à integridade do rito eucarístico; por isso, o celebrante deve comungar sempre na celebração da Divina Liturgia.

Na Divina Liturgia Pontifical, os sacerdotes e diáconos concelebrantes recebem a comunhão da mão do bispo, que lhes entrega, primeiro, a cada um, uma partícula, especialmente consagrada para isto, na palma da mão direita, colocada em forma de cruz, em cima da mão esquerda. Depois de comê-la, bebem cada um, três sorvos diretamente do cálice, segurado pelo bispo. A fórmula que o celebrante reza ao receber o corpo e o sangue é bastante significativa: *“O precioso e santo Corpo (ou sangue) de Nosso Deus e Salvador Jesus Cristo é dado a mim N..., sacerdote, para a remissão dos meus pecados e para a vida eterna”*.

Depois de comungar do Precioso Sangue, ao limpar os lábios com o sanguíneo, o sacerdote diz: *“Isto tocou meus lábios, apagou minhas faltas e me purifica de meus pecados”*. Esta fórmula é tirada de Isaías. O profeta conta que, quando em visão, viu o Senhor sentado num trono muito elevado e os serafins cantando: *“Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, a terra toda está cheia da sua glória”*, um dos Serafins voou em sua direção, trazendo na mão uma pedra em brasa que tinha tomado do altar com uma tenaz, aplicou-a sobre sua boca e disse: *“Tendo esta pedra tocado teus lábios, teu pecado foi tirado e tua falta apagada”*. E logo foi-lhe comunicada a missão que devia desempenhar junto ao povo de Israel (Is 6,1-8).

Os primeiros que comungam do Corpo e Sangue de Jesus Cristo são os sacerdotes no santuário. Figuram os Apóstolos a quem o Salvador deu primeiro seu corpo e sangue e comungam sob as duas espécies separadamente. Esta comunhão dos sacerdotes no santuário figura a ceia mística de Jesus com os seus Apóstolos, sua paixão, sua morte e seu sepultamento.

A manifestação da Ressurreição é figurada pela abertura das portas santas no momento em que os fiéis são convidados para a comunhão. Quando os celebrantes comungam antes da abertura das portas santas, ficam repletos da graça celeste da Ressurreição, pois estão no sepulcro do Senhor representado pelo altar. Lembram os anjos que, antes da abertura do túmulo, foram as testemunhas da Ressurreição e anunciaram o prodígio às santas mulheres.

Estando, pois, como que iluminados pela luz da Ressurreição, transmitem esta graça ao povo, na abertura das portas santas, como na abertura do túmulo (P. Couturier, 189 e Maria... p. 99).

#### 4.19 Comunhão dos fiéis

O celebrante, segurando o cálice e a patena, de frente para a assembleia, convida os fiéis para a comunhão, dizendo em voz alta: *“Com temor de Deus, fé e caridade, aproximai-vos”*. Neste convite exprimem-se as disposições que cada um deve ter ao aproximar-se para receber *“o pão vivo descido do céu”*, Jesus Cristo, o Salvador: *“Temor e respeito, fé e amor”*. O povo manifesta logo sua alegria e sua fé na presença real: *“Amém, amém, bendito seja o que vem em nome do Senhor. O Senhor é Deus e nos apareceu”*. No caso de muitas comunhões, acrescenta-se uma das orações que o sacerdote rezou em silêncio para se preparar para a comunhão: *“Recebei-me, hoje, participante da vossa ceia mística, ó Filho de Deus...”*

A comunhão sob as duas espécies vigorou, sempre, como regra nos ritos orientais não latinizados. Para comungar, os fiéis recebiam outrora uma partícula do pão consagrado na palma da mão direita e bebiam diretamente do cálice. As mulheres costumavam cobrir a mão com um véu.

Razões práticas de conveniência, como o perigo de entornar o precioso sangue, a repugnância ou a ameaça de uma epidemia proveniente do fato de todos beberem do mesmo cálice, fizeram surgir diversas maneiras de comungar sob a espécie do vinho. Assim, usou-se beber do cálice por meio de um canudinho de ouro ou o celebrante verter com uma pequena colher uma gota do cálice na boca do comungante. Mais tarde, porém, para evitar todo perigo de profanação, o sacerdote passou a despejar no cálice as partículas consagradas e a dar assim, a comunhão sob as duas espécies misturadas com uma colher de ouro. Atualmente, pratica-se geralmente a “intinção”, isto é, o sacerdote embebe no precioso Sangue a extremidade da partícula a ser dada ao comungante.

No Ocidente, a comunhão sob as duas espécies manteve-se até o século XIII. Depois, pouco a pouco, começou a desaparecer. O Concílio Vaticano II admitiu expressamente a possibilidade do restabelecimento da comunhão também sob a espécie do vinho, reservando à Sé Apostólica a determinação dos casos precisos aos quais isto poderá ser feito e ao bispo o juízo da sua oportunidade concreta.

Para os fiéis tomarem verdadeiramente parte na Divina Liturgia, não deveria ser isto concebível sem a comunhão. A cada celebração eucarística os fiéis deveriam poder comungar; assim foi o uso apostólico e assim recomenda a Igreja. Nem a beleza das orações, nem a magnificência das cerimônias substituem a comunhão. Se, na Divina Liturgia, Cristo se oferece em vítima, é precisamente para que possamos comungar o seu sacrifício, recebendo-o em partículas consagradas durante a Divina Liturgia a que assistimos, conforme a verdadeira tradição, e não em hóstias antecipadamente consagradas e conservadas no sacrário, a não ser em casos especiais.

Para se preparar a comunhão, recomenda-se rezar as comoventes orações litúrgicas que a Igreja faz o celebrante recitar em silêncio, pois encontramos nelas o correspondente aos atos de fé, de contrição, de desejo e de amor.

Os fiéis comungam de pé, aproximando-se em duas filas e fazendo uma reverência acompanhada do sinal da cruz antes de chegar até ao sacerdote e depois de receber o corpo e o sangue do Senhor.

O uso ocidental de receber a comunhão de joelhos começou no século XIII e correspondia a uma mudança na interpretação das atitudes litúrgicas e, possivelmente, também a uma evolução da piedade eucarística. O Concílio Vaticano II autorizou o restabelecimento do antigo uso.

A fórmula usada pelo sacerdote no momento de dar a comunhão aos fiéis requer que ele nomeie cada um pelo nome do batismo: “*O servo (ou a serva) de Deus N... recebe o santo e precioso corpo e sangue de nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo para a remissão de seus pecados e para a vida eterna*”. Por isso, visto a impossibilidade de o sacerdote saber o nome de todos os comungantes, em certas igrejas cada fiel, ao chegar sua vez de comungar, pronuncia em voz baixa seu nome, de modo a ser ouvido pelo sacerdote que o repete ao lhe dar a comunhão.

#### **4.20 Ação de graças e despedida**

Terminada a comunhão dos fiéis, o celebrante dá-lhes a bênção, dizendo: “*Ó Deus, salvai o vosso povo e abençoai a vossa herança*”. Porque, conforme diz São Paulo aos Romanos, “*todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus... E, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, se é que padecemos com ele, para com ele sermos glorificados*” (Rm 8,14-17). Recebemos esta bênção como se a nós tivesse sido dada pelo próprio Senhor Jesus, quando, ao subir ao céu, “*levantando as mãos, abençoou seus discípulos*” (Lc 24,50). Após ter-lhes dito “*recebereis a força do Espírito Santo, que descera sobre vós, e dareis testemunho de mim... até as extremidades da terra*” (At 1,8).

A resposta da assembleia é uma verdadeira profissão de fé, cheia de grata alegria: “*Vimos a verdadeira Luz, recebemos o Espírito Celeste, encontramos a fé verdadeira, adorando a Trindade indivisível, porque ela nos salvou*”. Enquanto isto, o sacerdote, no altar, rende uma última homenagem de adoração às santas espécies com orações e gestos que parecem querer simbolizar a ascensão do Salvador ao céu; incensa-as dizendo: “*Ó Deus, sede exaltado por cima dos céus, e que vossa glória se estenda por toda a terra*”. Em seguida, retorna às portas santas, ostentando o cálice

e a patena e dizendo: “*Bendito seja o nosso Deus a todo momento...*” e leva-os para o altar da preparação onde se fará a consumação das hóstias que sobraram e a purificação dos vasos sagrados.

O hino “*Sejam nossas bocas, Senhor, cheias de vossos louvores*” cantado pelo coro inicia a ação de graças pela participação nos mistérios santos, imortais, puros e vivificantes, que o sacerdote conclui: “*Porque sois nossa santificação e nós vos rendemos glórias, Pai...*” Ao pronunciar o nome da Santíssima Trindade, faz com o livro dos Evangelhos uma cruz em cima do altar e coloca-o sobre o “antimension”, como estava no começo da Divina Liturgia. Ali ficará, dia e noite, como em cima de seu trono, conforme já vimos. E logo procede-se à despedida dos fiéis. O sacerdote convida-os a se retirarem junto com ele do templo: “*Vamos em paz*”, como fez Jesus a seus Apóstolos após a última ceia: “*Levantai-vos. Vamo-nos daqui*” (Jo 14,31). E sai do santuário para rezar, diante do ícone do Salvador, a oração conhecida pelo nome de “oração antes do ambão”, porque se rezava antigamente antes do ambão (estrado) que ficava no meio da igreja diante do iconóstase. Nesta bela oração, pede-se a Deus, de novo e pela última vez na liturgia, a santificação e a paz para suas Igrejas e seus ministros, para os governantes, o exército e todo o povo, porque somente dele procedem todos dons e dádivas e ele abençoa os que o bendizem e santifica os que nele confiam. O coro, confirmando as palavras do sacerdote, bendiz e exalta o nome do Senhor.

Na Liturgia de São Basílio, enquanto o coro exalta e bendiz o nome do Senhor, o sacerdote, olhando para o altar da preparação, onde agora estão os dons sagrados, reza em silêncio a seguinte oração que resume, mais detalhadamente que na Divina Liturgia de São João Crisóstomo, o que foi feito durante a ação litúrgica que chega a seu fim: “*Ó Cristo, nosso Deus, cumprimos, na medida de nossas possibilidades, o mistério de vossa economia divina: renovando o memorial de vossa paixão e contemplando em figura a vossa ressurreição; ficamos repletos de vossa vida infinita e antegozamos vossas inesgotáveis delícias, das quais vos pedimos tornar-nos a todos dignos do século que há de vir*”.

O sacerdote dá a bênção para a assembleia. Não tendo nada a apresentar como sendo nosso que nos possa merecer a salvação, voltamos nossos olhos para a paternal bondade daquele que é o único a poder salvar-nos, devido a sua misericórdia e seu amor pelos homens. Recorremos também aos escolhidos intercessores capazes de defender a nossa causa, ocupando o primeiro lugar a Santíssima Mãe de Deus, pela intercessão da qual obtivemos já tantas vezes a misericórdia.

Apresentamos a Cristo Jesus, como advogados nossos, os santos da sua maior intimidade e até parentes seus pelo sangue: sua mãe, Maria, seus avós, Joaquim e Ana, seus Apóstolos que ele chama de “amigos e filhinhos” (Jo 13,33) e também o padroeiro da igreja dentro da qual ele acaba de se oferecer em sacrifício, o autor da liturgia, no decorrer da qual ele se tornou presente entre nós. Como já foi apontado várias vezes, o lugar que ocupa Maria na piedade bizantina é altamente significativo: as menções que dela se fazem no decurso da liturgia e de modo especial nos momentos mais solenes, como a anáfora e a comunhão, levou um estudioso liturgista a dizer: “*parece que a Igreja não pode realizar nenhum ato de seu culto sem a ele associar Maria, ou melhor, sem nele se associar a Maria, como aquela que é, por excelência, a associada de Cristo, aquele por quem todo o corpo místico, em tudo o que faz, se une a seu chefe*” (Maria... p. 98).

#### **4.21 “Antidorom”**

Nas liturgias solenes, o celebrante distribui aos fiéis, após a despedida, o “antidorom” ou pão bento, dizendo: “*Que a bênção do Senhor e sua misericórdia desçam sobre vós...*” Literalmente, “antidorom” significa “*em lugar do dom, em substituição ao dom*”. O dom aqui é o corpo e o sangue de Nosso Senhor. Este pão bento destinava-se, primitivamente, àqueles que não tinham comungado. Eram partes sobrando dos pães (“prosfora”) que o sacerdote, na preparação do sacrifício, utilizou para deles tirar as partículas (Cordeiro e pérolas) necessárias para a comunhão. Cortadas em pedaços pequenos, eram bentas, depois da consagração ou antes do hino à Virgem Maria “*É verdadeiramente justo...*”, com um simples sinal da cruz. Todo assistente ao sacrifício da Antiga Lei, assim como aos ritos pagãos, participava do holocausto. A Igreja primitiva permaneceu fiel a esta lei do sacrifício. Mas como a recepção do Cordeiro da Nova Lei requer disposições

especiais de pureza e santidade, rapidamente chegou-se à substituição da comunhão ao corpo e sangue de Cristo pela manducação dos pães dos quais o sacerdote tirou a matéria do sacrifício.

Este pão bento lembra também as refeições ou ceias fraternais ou de caridade (ágapes), que os cristãos realizavam juntos, antes ou depois da celebração da Eucaristia. Devemos comê-lo com respeito e piedade e levá-los aos que, por motivo justo, não puderam estar presentes ao Santo Sacrifício, como os doentes e viajantes. Para marcar a diferença entre a comunhão propriamente dita e a manducação deste pão bento, o povo dos campos, na Síria e no Líbano, chama o “antidorom” “o corpo de Maria”. Receber o “antidorom” é receber o corpo de Maria. Esta concepção popular realça de modo tocante o papel de Maria na Divina Liturgia e no pensamento dos fiéis e une num mesmo sacrifício Filho e Mãe. Simão de Tessalônica ilustra isso muito bem ao falar a respeito da “Protese”: *“Nela extrai-se o Cordeiro do pão para recordar que o Varão de Deus nasceu da Santíssima Virgem”* (Maria... p. 101-102).

É costume, enquanto o sacerdote faz as abluções e tira os paramentos, o leitor rezar em voz alta as orações de ação de graças para serem ouvidas pelos que participaram do sacrifício e receberam o corpo e o sangue de Cristo. Em seguida, os fiéis retiram-se em paz, levando em seus corações e em seu espírito o alimento da Palavra de Deus e de sua graça, como semente boa que deve germinar, crescer e manifestar-se em sua vida de cada dia, pelas boas obras, pela prática das virtudes e pelo cumprimento de seus deveres a fim de que, como disse Jesus, *“brilhe a sua luz diante dos homens, para que vejam suas obras boas e glorifiquem seu Pai, que está no céu”* (Mt 5,16).

## GLOSSÁRIO

**Anáfora:** do grego, oblação, oferta; parte da liturgia na qual se faz a consagração eucarística.

**Anamnese:** do grego, lembrança, memória; parte da anáfora onde se recordam os grandes mistérios da redenção.

**Anargiro:** o que trabalha gratuitamente; que renuncia a qualquer remuneração.

**Antidorom ou eulogia:** “antidora”, plural; dons dados em retribuição; pedacinhos de pão distribuídos aos assistentes na saída da liturgia.

**Antífonas ou tipica:** do grego, responsório, canto executado alternadamente por dois coros.

**Antimension:** pequena toalha com relíquias colocada sobre o altar, no qual se celebra a Eucaristia.

**Apocrisiario:** representante de uma sede patriarcal.

**Apolitiquion:** do grego, o que conclui, “tropario” principal da festa que encerra o Ofício das Vésperas e das Matinas.

**Arcano:** segredo que nos primeiros séculos rodeava a celebração eucarística e os principais mistérios da fé.

**Cânnon:** do grego; na liturgia latina, a parte central da eucaristia que corresponde à anáfora oriental.

**Condaquion:** estrofe que encerra uma série de “troparios”.

**Didaqué:** do grego, doutrina; um texto cristão do primeiro século com breve resumo da doutrina cristã.

**Díptico:** lista de pessoas das quais se faz memória durante a liturgia.

**Diquirion, triquirion:** pequenos candelabros com duas ou três velas que se cruzam; usados pelo bispo nas bênçãos, representam as duas naturezas de Jesus e as três pessoas da Trindade.

**Doxologia:** do grego, louvor; louvor à Trindade com o qual se conclui uma oração.

**Ecfonema:** do grego, dito em alta voz, em oposição às orações que se fazem em voz baixa.

**Ectenia:** do grego, o que é prolongado; convites à oração por diversas intenções.

**Epi-si-cheire:** imposição das mãos.

**Epiclese:** invocação do Espírito Santo sobre os dons eucarísticos.

**Eucaristicomen to Kyrio:** agradeçamos ao Senhor.

**Eulogia:** ver antidorom.

**Glossólogo:** aquele que tem o dom das línguas ou glossolalia.

**Hino de cherubicon:** o hino dos querubins, usado quando as ofertas são levadas ao altar para serem consagradas.

**Hirmos:** primeiro “tropario” de cada ode.

**Hora do orthros:** oração da aurora, o mesmo que matinas.

**Iconóstase:** parede coberta de ícones que separa a nave do santuário, onde está o altar.

**Intinção:** ação de molhar, no caso, o pão eucarístico no vinho consagrado.

**Irinica:** do grego, invocações pacíficas; oração no início da liturgia, das vésperas e das matinas, começando com as palavras “em paz oremos ao Senhor”.

**Isodicon:** do grego, canto de entrada.

**Liturgia dos pré-santificados:** ofício das Vésperas, em alguns dias da Quaresma, quando não se celebra a eucaristia, seguido da comunhão solene, com as espécies consagradas anteriormente.

**Liturgicon:** o mesmo que missal.

**Macarismo, macarismi:** bem-aventuranças; anúncio litúrgico das bem-aventuranças proclamadas por Jesus (Mt 5,3-12).

**Megalinarion:** versículo que acompanha o “hirmos” e os “troparios” em algumas grandes festas.

**Mirrofores:** aquele que carrega perfumes.

**Monogenes:** unigênito; hino à encarnação.

**Proquimenon:** do grego, o que está colocado na frente; canto antes de uma leitura bíblica.

**Prosfora:** pequeno pão do qual se cortam pedaços para serem consagrados na liturgia.

**Protese:** pequena mesa destinada à preparação das ofertas e à consumação das sagradas espécies depois da liturgia.

**Quinonicon:** canto de comunhão.

**Sinaptes:** do grego, coleta, ladainha ou série de convites à oração em diversas intenções; ultimamente, está sendo usada para indicar a coleta feita na igreja.

**Sinaxe:** do grego, reunião ou assembleia para celebrar uma festa.

**Theotokos:** Mãe de Deus.

**Tipica:** ver antífonas.

**Trisagion:** tríplice invocação começando com a palavra “aghios”, santo.

**Tropario ou troparion:** pequena composição poética da festa em seu “tropario” principal ou “apolitiquion”.

**Yom kippur:** dia da expiação; festa judaica de penitência.

**Zeon:** recipiente no qual se aquece a água colocada no cálice antes da comunhão; essa água quente simboliza a fé dos fiéis.